

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
(LAEL)

Camila Matos Venesiano Nunes

A TRADUÇÃO INGLESA DE *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*:
Uma Abordagem Sistêmico-Funcional

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

São Paulo

2021

Camila Matos Venesiano Nunes

A TRADUÇÃO INGLESA DE *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*:

Uma Abordagem Sistêmico-Funcional

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem sob orientação da Profa. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda.

São Paulo

2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda (Orientadora – PUC-SP)

Profa. Dra. Flamínia Manzano Moreira Lodovici (PUC-SP)

Profa. Dra. Zuleica Antônia de Camargo (PUC-SP)

Profa. Dra. Sônia Regina Longhi Ninomiya (UFRJ -RJ)

Profa. Dra. Maria Piedade Teodoro da Silva (INESP-SP)

São Paulo, 23 de junho de 2021

À minha mãe, pelo exemplo de vida.
À Professora Doutora Sumiko Nishitani Ikeda.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a DEUS, pois a Ele devemos nossa própria existência e a quem sou grata todos os dias pelas bênçãos sempre recebidas e pela força que me dá para fazer minha caminhada.

Agradeço, em seguida, a minha amada mãe, grande incentivadora dos meus sonhos, apoiadora nos momentos difíceis, avó maravilhosa e eterna auxiliadora, a quem também devo este doutorado.

À minha muito amada filha Ester, agradeço a honra de ser sua mãe, por me dar inspiração para a vitória, por iluminar meu mundo.

Ao meu marido Luis, agradeço a paciência no período desafiador de trabalho e estudo.

Agradeço à minha irmã Géssica pelas orações e pelo apoio, porque sem a família nada somos.

Ao amigo Carlos Rene Marinho Júnior, pelo suporte tecnológico e pela paciência que demonstrou ao longo desses anos.

Agradeço a todos os Professores Doutores que fizeram parte das minhas qualificações e da banca de defesa.

Agradeço, finalmente e sobretudo, à minha excelente orientadora, Profa. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda, pela pontual e sempre arguta orientação, por ser tão gentil e prestativa, e sempre disposta a fazer de mim uma melhor pesquisadora.

[...] a hercúlea tarefa do leitor/desconstrutor não se restringe à academia e aos departamentos de filosofia ou de estudos da linguagem. Ao sacudir os alicerces de nossas mais caras e arraigadas convicções, a desconstrução de qualquer texto atinge necessariamente múltiplas dimensões: teóricas e filosóficas, institucionais e pedagógicas, familiares e sexuais, políticas e jurídicas, teológicas e científicas. Não é à toa, portanto, que tantos teóricos e tantos críticos tenham sucumbido a esse apelo sedutor à desconstrução de tudo aquilo que representa o estabelecido e o tido como certo dentro ou fora da academia.

Rosemary Arrojo (2003, p. 8-9)

RESUMO

Na década de noventa, a figura do tradutor subserviente foi substituída pela do tradutor visivelmente ativo, entendido como um sujeito inserido em um contexto cultural, ideológico, político e psicológico, fatores que não podem ser ignorados na tradução. O tradutor não se apaga ao traduzir uma obra, pois não está livre das imposições socioculturais da comunidade da qual faz parte; da diferença de recorte de mundo entre as culturas; e das injunções de ordem linguística que limitam as escolhas lexicogramaticais à disposição do tradutor. Assim sendo, essas escolhas não são neutras, como explica a noção de equivalência, definida em termos de significados contextuais, e não de significados formais. Há ainda a considerar o fato de a língua original possuir vários agnatos de X, permitindo ao tradutor a opção de traduzir o item X ou um dos seus agnatos. O objetivo desta tese de doutorado é a comparação de duas versões de tradução em língua inglesa do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (*The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*), de Machado de Assis, efetivadas respectivamente por Gregory Rabassa (1997) e Flora Thomson-DeVeaux (2020), com vistas a verificar como as escolhas feitas pelos tradutores, embora em articulação com o texto original, evidenciam diferentes representações da realidade resultantes do contexto em que estão inseridos. A pesquisa tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), uma proposta teórico-metodológica, descrita como uma abordagem semântico-funcional da língua, que procura entender como as pessoas usam a língua em diferentes contextos sociais, para fazer sentido do mundo e de cada um. Para a LSF, é possível verificar traços estruturais, lexicais, gramaticais e semânticos em textos constituintes de um determinado gênero, por meio das metafunções. A pesquisa busca responder às seguintes perguntas: (a) como são articulados os significados ideacionais, interpessoais e textuais nas duas versões traduzidas de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para a língua inglesa?; e (b) quais são as consequências dessas modificações para o significado macrotextual das versões e caracterização do estilo dos tradutores? A pesquisa mostra que o significado textual praticamente não sofreu alterações em ambas as traduções; já os termos que expressam o significado ideacional mostraram que tradução de Rabassa se aproxima mais do original do que a de DeVeaux, com evidentes reflexos no significado interpessoal, no sentido de, talvez, a segunda assemelhar-se mais com o fluir linguístico da língua inglesa. Em termos gerais, a tradução de Rabassa (1997) é mais próxima ao original de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* do que a de Thompson-DeVeaux (2020).

Palavras-chave: Comparação de traduções. Português e Inglês. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Linguística Sistêmico-Funcional

ABSTRACT

In the nineties, the figure of the subservient translator was replaced by that of the visibly active translator, understood as a subject inserted in a cultural, ideological, political and psychological context, factors that cannot be ignored in the translation. The translator is not extinguished when translating a work, as the translator is not free from the sociocultural impositions of the community of which the translator is a part; the difference in the cut-out of the world between cultures; and the linguistic injunctions that limit the lexicogrammatical choices available to the translator. Therefore, these choices are not neutral, as explained by the notion of equivalence, defined in terms of contextual meanings, and not formal meanings. There is also the fact that the original language has several X agnates, allowing the translator the option of translating item X or one of its agnates. The objective of this doctoral thesis is to compare two English translation versions of the book *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*), by Machado de Assis, carried out respectively by Gregory Rabassa (1997) and Flora Thomson-DeVeaux (2020), in order to verify how the choices made by the translators, although in articulation with the original text, show different representations of reality resulting from the context in which they are inserted. The research is supported by Systemic-Functional Linguistics (SFL), a theoretical-methodological proposal, described as a semantic-functional approach to language, which seeks to understand how people use language in different social contexts, to make sense of the world and of each one. For SFL, it is possible to verify structural, lexical, grammatical and semantic traits in texts constituting a given genre, through metafunctions. The research seeks to answer the following questions: (a) how are the ideational, interpersonal and textual meanings articulated in the two translated versions of *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* into English?; and (b) what are the consequences of these changes for the macrotextual meaning of the versions and characterization of the translators' style? The research shows that the textual meaning has hardly changed in both translations; the terms that express the ideational meaning showed that Rabassa's translation is closer to the original than DeVeaux's, with evident reflections on interpersonal meaning, in the sense that, perhaps, the second resembles more with the linguistic flow of the English language. In general terms, the translation of Rabassa (1997) is closer to the original *Memórias Póstumas de Brás Cubas* than that of Thompson-DeVeaux (2020).

Keywords: Translation comparison. Portuguese and English. *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. Systemic-Functional Linguistics.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACLISF	Análise Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional
ET	Estudos da Tradução
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Enquadre-Satélite (inglês) e Enquadre-Verbo (espanhol).....	36
Quadro 2 – Tipos de processos na LSF.....	43
Quadro 3 – Mood e Resíduo com tempo primário.....	45
Quadro 4 – Mood e Resíduo com verbo modal.....	45
Quadro 5 – Modalidade (entre o SIM e o NÃO).....	46
Quadro 6 – Exemplos de Avaliatividade.....	48
Quadro 7 – O sistema da Avaliatividade.....	49
Quadro 8 – Redundância.....	49
Quadro 9 – (a) Afeto como qualidade.....	50
Quadro 10 – (b) Afeto como processo.....	50
Quadro 11 – (c) Afeto como comentário.....	50
Quadro 12 - Os modos como se apresenta a avaliatividade.....	51
Quadro 13 – Diferenças entre a versão original e as traduções de Rabassa e de Thomson-DeVeaux (Capítulo 1).....	62
Quadro 14 – Diferenças entre a versão original e as traduções de Rabassa e de Thomson-DeVeaux (Capítulo 6).....	77
Quadro 15 – Diferenças nas traduções de Rabassa e de Thomson-DeVeaux.....	84

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – VERSÃO ORIGINAL (1994).....	97
ANEXO B – TRADUÇÃO DE 1997 – RABASSA.....	98
ANEXO C – TRADUÇÃO 2020 – THOMSON-DEVAUX.....	100

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PANORAMA HISTÓRICO E LITERÁRIO	18
2.1	Realismo	18
2.2	Machado de Assis	19
2.3	Memórias Póstumas de Brás Cubas e a grande crítica	20
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
3.1	Tradução e significado	22
3.1.1	<i>Saussure e a subjetividade relegada a segundo plano</i>	22
3.1.2	<i>O significado fixo e único</i>	23
3.2	Fatores que interferem na tradução	25
3.2.1	<i>Tradução e contexto</i>	26
3.2.1.1	Importância do contexto	28
3.2.2	<i>A construção e a transformação do significado</i>	28
3.2.3	<i>Determinismo e Relatividade Linguísticas</i>	32
3.2.3.1	O nível lexical	33
3.2.3.2	O nível gramatical	34
3.2.4	<i>Tipologia linguística</i>	34
3.3	Linguística Sistemico-Funcional	37
3.3.1	<i>Metafunção ideacional</i>	40
3.3.2	<i>Metafunção interpessoal</i>	45
3.3.3	<i>Metafunção Textual – Tema e Rema</i>	46
3.4	Além da permuta: O sistema de avaliatividade (appraisal)	48
3.5	A Linguística Sistemico-Funcional e a tradução	52
4	METODOLOGIA	57
4.1	Dados	57
4.1.1	<i>Personagens e resumo da obra</i>	57
4.2	Procedimentos de Análise	60
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	62
5.1	Análise das diferenças entre a versão original e as traduções de Rabassa e de Thomson-DeVeaux (Capítulo 1)	62
5.2	Discussão Geral dos Resultados	75
5.3	Análise das diferenças entre a versão original e as traduções de Rabassa e de Thomson-DeVeaux (Capítulo 6)	76
5.4	Discussão Geral da Análise	87
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS	91
	ANEXOS	97

1 INTRODUÇÃO

É provável que a concepção de muitos leitores a respeito de uma obra traduzida seja a de um texto que reproduza fidedignamente todas as características da obra original. Traduzir seria nessa perspectiva a simples substituição das palavras de uma língua A pelas palavras equivalentes de uma língua B. O papel do tradutor, conseqüentemente, limitar-se-ia a uma tarefa mecânica e objetiva, na medida em que nada de sua subjetividade ou de seu aparato histórico-cultural fosse capaz de interferir nesse processo (BEZERRA, 2010). Segundo Arrojo (2003, p. 99), “essa postura é o resultado da visão logocêntrica – da crença na estabilidade do significado – que a tradição ocidental tem dessa atividade”.

Sendo assim, nos anos noventa, a figura do tradutor subserviente foi sendo substituída pela do tradutor visivelmente criativo, esse artista mediador entre línguas e culturas (BASSNETT, 2003). Mas o que mudou? O que muda agora, segundo Bohunovsky (2001, p. 54), é que “o tradutor é entendido como um sujeito inserido num determinado contexto cultural, ideológico, político e psicológico – que não pode ser ignorado ou eliminado na elaboração de uma tradução. O tradutor tornou-se ‘visível’”. Dessa forma, espera-se hoje, como diz Arrojo (1993, p. 73), um tradutor “que seja não apenas invisível e inconspícuo, mas que possa também colocar-se na pele, no lugar e no tempo do autor que traduz, sem deixar de ser ele mesmo e sem violentar a sintaxe e a fluidez de sua língua, de seu tempo”. Já Fillmore e Atkins (1992, p. 78) afirmavam – e demonstraram – que “o significado das palavras só pode ser entendido com referência ao contexto estrutural da experiência, crenças ou práticas, constituindo uma espécie de pré-requisito conceitual para o entendimento do significado”.

Nesse sentido, não se pode negar que a tradução envolva mudanças de significado na passagem de uma língua à outra, como demonstra a pesquisa de Bezerra (2010), que compara o original em português com a tradução para o inglês de *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, por Emmi Baum. Bezerra mostra como as escolhas lexicogramaticais feitas pela tradutora denunciam sua tentativa de eufemizar ou de eliminar da tradução os vocábulos considerados de calão ou aqueles que fazem menção ao sexo. Assim, Bezerra mostra como as escolhas lexicogramaticais alteram, de modo significativo, a atmosfera e a representação das personagens do romance. A perspectiva de Baum materializa-se na seleção lexical e na forma como ela dispõe as palavras nas frases, fatores que denunciam a interferência cultural e situacional,

como explica Bezerra (2010, p. 13):

nenhum tradutor se apaga ao traduzir uma obra; (b) o tradutor não está livre das imposições socioculturais da comunidade da qual ele faz parte, ou, em outras palavras, o modo de recortar o mundo enxergar as coisas é diferente entre as culturas; e (c) há injunções de ordem linguística que limitam as escolhas lexicogramaticais que devem ser feitas pelo tradutor. (BEZERRA, 2010, p. 13)

A realidade dessas questões talvez esteja na raiz do fato de que tanto norteamericanos quanto ingleses demonstram certa resistência à leitura de obras traduzidas, pois esperam, mas não encontram, um texto cuja tradução soasse tão natural que parecesse ter sido escrita originalmente em inglês (LANDERS, 2001; MUNDAY, 2008). Tais traduções seriam o resultado “do modo como se abordava a noção de significado, bem como a atitude simplista dos tradutores inteiramente desligada do contexto” (BAKER, 2000, p. 20),

Deve-se ressaltar que tanto o léxico quanto a gramática são como são porque, primordialmente, eles resultaram de necessidades existentes em uma cultura, e do modo como essa cultura “enxerga” a realidade que a envolve, para então – essa é a hipótese, a *Weltanschauung* – tornarem-se donos da situação, determinando um tipo específico de visão do mundo. Essa hipótese veio a ser conhecida como "Hipótese do Determinismo/Relativismo Linguístico", significando que, entre uma língua e outra, existem modos de ver a “realidade” que, assim, torna-as múltipla devido às categorias e aos meios de expressão incorporados por uma língua.

Outra questão a ser incluída no presente estudo refere-se à conferência interdisciplinar pioneira sobre a questão dos universais linguísticos, organizada em 1961, por Greenberg, Osgood e Jenkins, que gerou bastante informação a respeito das línguas do mundo, e veio a revelar padrões surpreendentes (SLOBIN, 1980), dando início à noção de tipologia linguística. O que decorre dessa noção é o fato de que todas as línguas são condicionadas pela tendência humana a pensar e a imaginar de certa maneira bem como pela natureza e metas da interação humana. Nesse contexto, por meio do exame de uma extensa e variada amostra das línguas do mundo, Greenberg (1963), e outros depois dele, encontrou curiosas combinações possíveis dos traços gramaticais que constituem uma língua.

Uma teoria que, desde o início de sua formulação, dedicou atenção ao fenômeno tradutório foi a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta teórico-

metodológica, de Halliday (1974), tendo sido Catford (1965) um dos pioneiros em desenvolver uma teoria da tradução com base nessa teoria. Pode-se considerar que a publicação da obra *Exploring translation and multilingual text production: beyond content* (STEINER; YALLOP, 2001), marcou o início de uma nova fase na interface entre a LSF e a tradução.

Halliday *et al.* (1974) consideram que uma teoria de tradução se insere entre as diversas teorias no campo da linguística comparada, mais especificamente na linguística descritiva comparada, que desenvolve teorias e métodos para a comparação entre as línguas. Essa descrição diz respeito ao modo como duas línguas se relacionam ou à "comparação entre as línguas de acordo com o modo como funcionam" (*ibidem*, p. 137).

Steiner e Yallop (2001) desenvolveram a noção de equivalência na tradução, sugerindo uma orientação paradigmática da questão. Equivalência é então definida em termos de significados contextuais, não de significados formais. House (2001), ao tratar do conceito de equivalência, mostra que a tradução é uma produção textual que apresenta um vínculo duplo: por um lado, as relações com um texto original em outra língua e, por outro, o potencial comunicativo da comunidade receptora. Sob essa perspectiva, haveria dois tipos de tradução: a encoberta (*covert*), que se apresenta na comunidade receptora com o status de um original, e a manifesta (*overt*), que, devido às fortes ligações com a cultura do original não se dirige especificamente ao leitor da comunidade receptora (JESUS, 2012).

Nesse contexto, ao se pensar a tradução do ponto de vista da LSF, verifica-se que as escolhas lexicogramaticais – microcomponentes do eixo paradigmático do tradutor – são importantes nesse processo, na medida em que elas são alternativas para aquelas que poderiam ter sido feitas e não o foram, fato que influi no sentido do texto. A escolha feita não é neutra, pois reflete as demandas do contexto, que, por sua vez, abriga a ideologia, a subjetividade e a visão do tradutor.

Aliás, o conceito de escolha é fundamental no processo de (re)textualização, isto é, na escolha e na organização de significados já textualizados em uma língua para outra, como ocorre na tradução. Ao analisar o texto traduzido, é possível descrever o impacto que ele sofreu em relação ao texto original, especialmente em relação à seleção de outras possibilidades de escolha no contexto da língua de chegada. O conceito de (re)textualização foi estudado por Vasconcellos (1997) enfocando a língua como um sistema modelador, ou melhor, o uso da língua como

uma representação das maneiras como diferentes pessoas experienciam e modelam o mundo.

O objetivo desta tese de doutorado é a comparação de duas versões de tradução em língua inglesa do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (*The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*), de Machado de Assis, efetivadas respectivamente por Gregory Rabassa (1997) e Flora Thomson-DeVeaux (2020), com vistas a verificar como as escolhas feitas pelos tradutores, embora em articulação com o texto original, evidenciam diferentes representações da realidade resultantes do contexto em que ambos estão inseridos.

A pesquisa deve responder às seguintes perguntas: (a) como são articulados os significados ideacionais, interpessoais e textuais nas duas versões traduzidas de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para a língua inglesa?; e (b) quais são as consequências dessas modificações para o significado macrotextual das versões e para a caracterização do estilo dos tradutores?

A presente pesquisa insere-se no projeto de pesquisa “Recursos para a realização da persuasão através da avaliação implícita”, sendo parte integrante do grupo de pesquisa Análise Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional (ACLISF), cadastrado no CNPq, ambos coordenados pela professora Dra. Sumiko N. Ikeda.

Esta tese está estruturada em seis capítulos, abrangendo: 1. Introdução; 2. Panorama histórico e literário 3. Fundamentação Teórica; 4. Metodologia; 5. Análise e Discussão dos Resultados e 6. Considerações Finais, seguidos das Referências e Anexos.

A seguir, cito algumas pesquisas na área em questão: Silveira, C.G. “De *A Streetcar Named Desire* a Um bonde chamado Desejo: uma análise sob o enfoque da LSF” (2018), Marzulo, B. “A modalidade falada do inglês e a tradução em português” (2015) e Bezerra, L.A. “A tradução de *Menino de Engenho*: As marcas linguístico-culturais sob a perspectiva da LSF”.

2 PANORAMA HISTÓRICO E LITERÁRIO

A delimitação do panorama histórico-literário é necessária à contextualização da obra, objeto do presente trabalho, pois há implicações na tradução do original da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para a língua inglesa nas versões de Rabassa (1997) e de Thomson-DeVeaux (2020). O aspecto estético, parte da visão ideológico-filosófica, tanto de autor, quanto de tradutor, influenciando-se reciprocamente, mas sempre se considera autoria e tradução dentro de um contexto histórico.

Desse modo, a participação do indivíduo na História, no caso, do escritor Machado de Assis e o modo como constrói a obra literária e seus personagens, assim como o modo como o tradutor em outras circunstâncias faz seu trabalho decorrem de infinitas interações em contextos históricos determinados.

2.1 Realismo

O Realismo brasileiro, de acordo (MARINHO, 2021) inicia-se com o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, obra em 160 capítulos, publicada em 1881. As principais características do realismo são o racionalismo e o cientificismo, às avessas, devido à ironia, mas, de qualquer modo, em oposição aos princípios estilísticos do Romantismo, notadamente contra a idealização dos heróis, sua sublimação e os sentimentos levados ao extremo.

O movimento realista apresentou-se em duas vertentes, a psicológica, da qual Machado de Assis foi o principal expoente – nela, o foco da obra não são as ações em si, mas o modo como as personagens veem e sentem as circunstâncias que vivem; e a naturalista, a qual teve como principal autor Aluísio Azevedo, com as obras *O Mulato* e *O Cortiço* – nelas as ações humanas aparecem determinadas pelo meio, tempo e hereditariedade e, em geral, o homem aparece animalizado (BRANDINO, 2021).

Ambas as vertentes realistas têm o foco no determinismo e na crítica social, ao lado do Realismo psicológico que privilegia a visão de mundo dos personagens, expondo suas contradições, como se vê no personagem Brás Cubas, assim como em Bentinho, em *Dom Casmurro*, ao abordar em profundidade a individualidade e traços de caráter. De acordo com Roberto Schwarz (1997), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* divide águas na Literatura Brasileira, porque representa uma ruptura com os

padrões dominantes até sua publicação. As personagens se constroem de modo independente do tempo cronológico, o que permite reflexões.

2.2 Machado de Assis

A vida de Machado de Assis transcorre entre 1839 (nascimento) e 1908 (morte). Esse período se insere na História do Brasil Império e nos primeiros momentos da República Velha. Atravessam-se três fases distintas, o Período Regencial e o Segundo Reinado, culminando na eclosão da República.

Esse período acrescenta questões importantes que emergirão de formas variadas em sua estrutura social escravista, em seu modelo político-institucional, em sua cultura e em suas artes, incluída a literatura e, mais especificamente as obras de Machado de Assis, onde se insere *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Machado foi escritor de seu tempo. Nascido em 1839, acompanhou toda a vida singular do período correspondente ao Segundo Reinado (1840-1889) no Rio de Janeiro. Fez duas viagens a Nova Friburgo, mas sem motivação turística, pois tinha como objetivo tratamento médico, e também algumas viagens a Petrópolis. Pode-se dizer que viveu o Rio de Janeiro em toda plenitude de seus tipos e costumes, saudando-o com seus personagens e intrincados contornos psicológicos. As referências à cidade do Rio de Janeiro são inúmeras a ponto de originar estudos e muitas obras a respeito do tema.

Sob forte influência francesa, os habitantes do Rio de Janeiro do Segundo Reinado colheram os frutos da prosperidade econômica da região sudeste, por estarem na futura capital da República: a comédia estava em alta, admiravam óperas e os teatros, importavam da Europa movimentos literários e ideias políticas e tudo o que representasse novidade. Os próprios franceses, certos da respeitabilidade e admiração que teriam no Brasil, instalaram lojas, confeitarias e bombonieres na rua do Ouvidor, compondo-se como a maioria dos proprietários do local.

As festas, bailes e saraus faziam parte da vida social do Segundo Reinado e aqui, mais uma vez, é notada a influência francesa sobre a elite nativa que seguia os passos importados (BOSI, 2006). As danças tipicamente brasileiras eram cultivadas pelo povo trabalhador. Os salões tinham grande importância, pois não só serviam para discussões literárias, mas também para as articulações políticas da classe dominante.

Dançavam a quadrilha, a valsa, a polca, a mazurca e o schottisch, tendo aversão aos ritmos populares que eram tratados como caso de polícia.

A rua do Ouvidor era considerada por Machado a própria representação do Rio de Janeiro, tal a importância dos estabelecimentos ali presentes. Era uma rua estreita e frequentada por gente de todo tipo em seu movimento diurno e noturno. Lá estavam estabelecidas as principais lojas de modas e comércio. Segundo Trigo (2001, p. 253), em 1862, eram 205 estabelecimentos comerciais e, em 1870, eram quase trezentos. A imprensa usava o mesmo endereço e a cidade carioca contava com mais de 100 jornais.

2.3 Memórias Póstumas de Brás Cubas e a grande crítica

Memórias Póstumas de Brás Cubas é um romance escrito por Machado de Assis, desenvolvido em princípio como folhetim, de março a dezembro de 1881, na Revista Brasileira, para, no ano seguinte, ser publicado como livro, pela então Tipografia Nacional.

O livro de Machado de Assis apresenta-se em tom cáustico, carregado de ironia. A audácia nas inovações não deixou de provocar, à época, resenhas estranhadas, rompendo com a narração linear e objetivista de autores proeminentes da época, como Flaubert e Zola, retratando o Rio de Janeiro com pessimismo, ironia e indiferença, o que teria chamado a atenção de leitores e críticos.

Schwarz (1997), apresenta as personagens criadas por Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* construídas com base em seus aspectos comportamentais em relação à sociedade em que vivem. Ironia e deboche às práticas da classe dominante são a essência da obra. Ainda segundo Schwarz (1997), Brás Cubas é o reflexo do caráter da classe dominante brasileira, por sua frivolidade, exibicionismo, cinismo, “respeitabilidade” e superficialidade.

O aspecto da temporalidade, segundo Nunes (2003), está associado a outros tempos como o histórico, o físico, o linguístico e o verbal dos quais Machado de Assis fez uso:

(...) Quando falamos do tempo, as coisas se embaralham porque não podemos enfeixá-lo num conceito único. A ideia de tempo é conceitualmente múltiplice; o tempo é plural em vez de singular. Entretanto, suas várias

modalidades não são díspares; embora com alcance diferente, a todas se aplicam as noções de *ordem* (sucessão, simultaneidade), *duração* e *direção*, que recobrem, em vez de uma identidade, relações variáveis entre acontecimentos, ora com apoio nos estados do mundo físico, ora nos estados vividos, ora na enunciação linguística, nas condições objetivas da cultura, nas visões de mundo e no desenvolvimento social e histórico. O que interliga essas noções comuns, permitindo falar de relações variáveis, é o conceito mais geral de *mudança*. (NUNES, 2003, p.23)

No plano estético-literário, Brás Cubas afronta o leitor, invadindo e perturbando o curso do romance sintetizando magistralmente tipos reais que espelham a sociedade brasileira, em seus aspectos mais nefastos.

Para Antônio Candido (2007), o romance se caracteriza como um texto de ficção, porque é uma narrativa longa, que envolve um número considerável de personagens em relação à novela e ao conto, maior número de conflitos, tempo e espaços mais dilatados. Quanto ao narrador, tal como é o caso que ocorre em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

desaparece o enunciador real. Constitui-se um narrador fictício que passa a fazer parte do mundo narrado, identificando-se por vezes (ou sempre) com uma ou outra das personagens, ou tornando-se onisciente etc. [...] coisas há muito acontecidas [...]. O narrador fictício não é sujeito real de orações, como o historiador ou o químico; [...] E isso é verdade mesmo no caso de um romance histórico. As pessoas (históricas), ao se tornarem ponto [...], passam a ser personagens; deixam de ser objetos e transformam-se em sujeitos, seres que sabem dizer “eu”. (CANDIDO, 2007, p. 18)

Memórias Póstumas de Brás Cubas, nesses termos, pautada pelo cotidiano, mas no tempo psicológico das personagens, desnuda as características intrínsecas e extrínsecas do sujeito e da sociedade brasileira da época.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As teorias que apoiam a análise comparativa entre o original em português de *Memórias Póstuma de Brás Cubas*, de Machado de Assis e as traduções para a língua inglesa, de Gregory Rabassa (1997) e de Flora Thomson-DeVeaux (2020), contemplam três categorias, em conformidade com diferentes vieses referentes ao processo tradutório: (a) **Tradução e Significado** (envolve: significado fixo e único; subjetividade relegada a segundo plano); (b) **Fatores que interferem na tradução** (envolve: construção e transformação do significado; tradução e contexto; determinismo linguístico; tipologia linguística); e (c) **Linguística Sistêmico-Funcional e a tradução** (envolve: modalidade e avaliatividade; noção de escolha; retextualização; equivalência).

3.1 Tradução e significado

Dos tópicos incluem-se sob este título: subjetividade relegada a segundo plano e significado fixo e único.

3.1.1 Saussure e a subjetividade relegada a segundo plano

A Linguística, desde sua criação no início do século XX, por Ferdinand Saussure, deixou de lado considerações pertinentes ao sentido na linguagem. Ao fazer esse recorte epistemológico, tentou-se estudar a língua como sistema, ou seja, como um conjunto de regras a partir das quais se poderia sistematizar e compreender qualquer fenômeno linguístico que se colocasse ao homem. A subjetividade constitutiva da linguagem foi relegada a segundo plano, assim como seu caráter heterogêneo. Sob uma concepção estruturalista de linguagem, o sujeito poderia comunicar seus pensamentos sem qualquer interferência externa, pois a ele lhe era dada a capacidade de se utilizar dos meios que o sistema lhe conferia. Dito de outra forma, cabia ao sujeito a simples tarefa de utilizar as palavras que o sistema lhe disponibilizava para transmitir seus pensamentos a seus pares.

Para o linguista genebrino, a significação não é, de forma alguma, a relação

com objetos fora da língua. Guimarães (2002, p. 19-20), falando de Saussure, diz que “o corte saussureano é a ‘culminância’ bem-sucedida teoricamente de uma história de exclusão do mundo, do sujeito, por tratar a linguagem como um percurso só interno: a linguagem expressa o pensamento”. Saussure suprime também qualquer relação da língua com algo que lhe seja exterior. O exterior (o mundo, o sujeito, as relações entre sujeitos) fica como aquilo a que se nega o caráter de objeto da linguística.

Para Saussure, a questão do significado é estritamente linguística e, por considerar o significado nesses termos, ele exclui qualquer coisa que não seja da ordem do sistema. Os elementos excluídos por Saussure (sujeito, história e ideologia) foram aos poucos sendo retomados e estudados por outros estudiosos, tais como: Benveniste e Ducrot. Mas foi na década de 1960, no apogeu do estruturalismo, que quatro estudiosos, Foucault, Derrida, Althusser e Pêcheux deram novos rumos aos estudos sobre a linguagem. (GUIMARÃES, 2002, p. 19-20).

Essa visão redutora da leitura se via também na forma como se entendia o processo tradutório. Bohunovsky (2001) afirma que a ciência da tradução foi marcada, grosso modo, pela visão de que o processo de tradução seria um mero transporte de significados que deveria se tornar “objetivo” através de um “método” ou um “tertium comparationis” a ser desenvolvido.

3.1.2 O significado fixo e único

O filósofo francês René Descartes e o religioso inglês John Wilkins “sonhavam com a possibilidade de uma linguagem universal, que não fosse arbitrária e que, portanto, não dependesse dos caprichos da interpretação: cada palavra teria um significado fixo e único, independentemente de qualquer contexto” (ARROJO, 1986, p. 15). Conforme Haroche (1992), entre os séculos XIII e XVIII, num estudo mais abrangente sobre o assunto, uma série de acontecimentos ligados ao poder religioso e jurídico, dentre eles o exercício da *determinatio* na pedagogia religiosa, o Édito de Villers-Cotterets e as polêmicas entre jesuítas e jansenistas, tinham todos o mesmo objetivo: evitar a ambiguidade. O autor cita o texto do jesuíta francês Bouhours, pois nele fica nítida a visão que esse grupo, especificamente, nutria em relação à língua:

Como não falamos a não ser para nos fazer entender, eu queria que, no

discurso, jamais houvesse ambiguidade ou equívoco; que tudo aí fosse claro e fácil, que lendo um livro compreendêssemos de início o que lemos, sem sermos obrigados a ler duas vezes a mesma coisa para compreendê-la [...] (HAROCHE, 1992, p. 91).

É, pois, antigo o desejo do ser humano em evitar a ambiguidade, controlando a língua, essa “ferramenta imperfeita”, como diria Paul Henry (1992). Esse desejo está estreitamente relacionado às discussões travadas em torno das teorias de tradução e das diferentes visões do que seria uma boa tradução.

Nesse contexto, o binômio transparência *versus* ambiguidade “encontra sua origem nas ideologias religiosas e jurídico-políticas” (HAROCHE, 1992, p. 19). Os estudos a que se dedica Haroche remontam à França do século XIII, período em que a Igreja ainda exercia grande dominação e influência em praticamente todos os acontecimentos da sociedade. Essa volta no tempo e a busca por pressupostos ideológicos que expliquem os fenômenos em questão se fazem necessárias devido à escassez de explicações, nas gramáticas, dos fenômenos da ambiguidade, da determinação e do princípio da não contradição.

A Igreja, para manter sua hegemonia, tentava impor uma visão da realidade na qual não haveria espaço para a ambiguidade e, conseqüentemente, para o questionamento. Uma série de acontecimentos ligados ao poder religioso ou jurídico são reveladores dessa exigência de depuração e de fixação do discurso e da língua.

Segundo Haroche (1992), a preocupação da Igreja, contudo, tinha sua justificativa: controlar os significados do texto bíblico para que o povo não pudesse, por si próprio, interpretá-lo. O acesso ao texto sagrado significaria o enfraquecimento do poder exercido pela Igreja sobre a interpretação. Haroche afirma que a noção de significação constitui um problema constante nas teorias da linguagem: ela levanta fundamentalmente a questão das modalidades de articulação entre o linguístico e o extralinguístico, a questão do formalismo, dos lugares a partir dos quais ele se elabora e sobre os quais ele se exerce, e, enfim, a questão das relações entre a lógica e a subjetividade (HAROCHE, 1992).

O desejo que os jesuítas nutriam pela transparência na linguagem era tanto, que Bouhours (apud HAROCHE, 1992) assim se expressou:

Como não falamos senão para nos fazer entender, eu gostaria que no discurso não houvesse jamais nem ambiguidade, nem equívoco: que tudo fosse claro e fácil: que, ao ler um livro, compreendêssemos logo o que lemos

sem ser obrigados a ler duas vezes a mesma coisa para compreendê-la; que nada fosse custoso; e que cada palavra de um período fosse tão bem colocada que não houvesse necessidade de intérprete, nem de reflexão, para distinguir o sentido. Eu gostaria que aqueles que escrevessem tratassem não somente de se fazer entender, mas que o fizessem de tal forma que não pudéssemos deixar de entendê-los...” (HAROCHE, 1992, p. 54).

Já no século XII, os gramáticos construíram uma gramática que continha uma teoria da desambiguação que “está manifestamente ligada a uma certa concepção da atividade de linguagem, ligada ela mesma a uma certa ideologia da clareza, da transparência (que se inscreve mais amplamente em uma ideologia política centralizadora) [...]”. Nessa gramática, “as formas de ruptura, as falhas, tudo o que é anomalia, desvio, se veem codificados (na teoria das figuras, entre outras)” (HAROCHE, 1992, p. 27).

A significação era tratada como sendo um problema a ser resolvido:

filósofos, gramáticos, linguistas se esforçam em colocar e resolver o problema da significação (pressupondo a necessidade da univocidade de interpretação), no interior do campo de uma doutrina para a filosofia, da frase para a gramática, e das estruturas da sintaxe ou do signo para a linguística (apud HAROCHE, 1992, p. 35).

Ao se recorrer a Aristóteles (HENRY, 1992), verifica-se que, para ele, nem todas as ambiguidades na linguagem nascem de uma ambiguidade inerente aos próprios elementos linguísticos. Distinguindo uma ambiguidade inerente à linguagem de uma outra forma de ambiguidade, Aristóteles já esboça implicitamente as duas teorias que, alternativamente, e às vezes conjuntamente, durante séculos e até nossos dias, vão ser objeto quanto à resolução dos problemas de significação, de interpretação na linguagem, logo, em particular, da explicação dos fatos ambíguos.

A grande preocupação daqueles que lidavam com questões de ordem linguística girava em torno do como fazer para detectar, delimitar, resolver e repelir os problemas criados pela ambiguidade. Pode-se inferir a importância que a ambiguidade exercia naqueles dias pelas tentativas de controlá-la; primeiro, pela ordem religiosa e, em seguida, pelo aparelho jurídico (HAROCHE, 1992).

3.2 Fatores que interferem na tradução

Sob este título, são tratados os seguintes assuntos: construção e

transformação do significado; tradução e contexto; determinismo linguístico; e tipologia linguística, que mostram a impossibilidade da tradução sem considerar as injunções impostas pelo contexto do tradutor.

3.2.1 Tradução e contexto

Toda tradução, diz Arrojo (2003, p. 68), por mais simples e breve que seja, trai sua procedência, revela as opções, as circunstâncias, o tempo e a história de seu realizador e revela ser produto de uma perspectiva, de um sujeito interpretante e não meramente uma compreensão “neutra” e desinteressada ou um resgate comprovadamente “correto” ou “incorreto” dos significados supostamente estáveis do texto de partida”. Portanto, “nenhuma tradução será [...] “neutra” ou “literal”; será, sempre e inescapavelmente, uma leitura” (ARROJO, 2003, p. 68). Sendo assim, o significado de um romance estrangeiro na língua estrangeira em que foi produzido nunca será exatamente o mesmo que o significado daquele romance numa tradução destinada a circular em outra língua, conforme Venuti (2003, p. 119). Talvez isso explique a razão de alguns *best-sellers* nem sempre repetirem seu sucesso quando traduzidos.

Para Silverstein (apud RUBEL; ROSMAN, 2003, p.15), o problema da tradução é cultural e não individual, pois a mente individual opera sempre num dado contexto cultural. Portanto, quando traduzimos, o que está em jogo não é apenas o conhecimento proposicional atribuído à mente individual, mas também a comunicação do conhecimento cultural. Todo ato tradutório é um ato social que envolve relações sociais, que transforma e atravessa fronteiras. As pesquisas de Tymoczko (2007) mostram que exemplos de tipos de tradução extremamente diferentes são abundantes em qualquer lugar.

Assim, de acordo com os antropólogos Rubel e Rosman (2003), o trabalho de especialistas em tradução mostra que diferentes períodos históricos no mundo ocidental revelam diferentes modelos de traduções. Essas diferenças variam conforme os graus em relação aos quais foram orientadas, tendo em conta a língua alvo ou a língua de origem. Não é do nada, portanto, que uma determinada crença ganhe espaço e se mostre como sendo a maneira correta ou a errada de executar determinada tarefa.

A propósito, Bassnett (2003, p. 126-127) explica que “em épocas diferentes prevaleceram diferentes concepções de tradução e que a função e o papel do tradutor se alteraram radicalmente”, e que “as atitudes em relação à tradução e às concepções de tradução prevaletentes pertencem à época que as produz e aos fatores socioeconômicos que enformam e determinam essa época”.

Para Bassnett (2003, p. 32), “não vale a pena pugnar por uma tradução definitiva, uma vez que a tradução está intimamente ligada ao contexto em que é produzida”. Diz ela ainda que não existe um cânone universal segundo o qual os textos devam ser avaliados. Há conjuntos de cânones, continua a autora, que se deslocam e mudam constantemente, e cada texto articula-se numa contínua relação dialética com esses cânones. Assim: “a tradução definitiva é tão impossível quanto o poema definitivo ou o romance definitivo, e qualquer avaliação de uma tradução só pode ser feita tendo em conta seja o processo da sua criação seja a sua função num dado contexto” (BASSNETT, 2003, p. 32).

Dessa forma, de acordo com a autora, tanto o original quanto a tradução são vistos como produtos iguais da criatividade do autor e do tradutor, embora alerte para a diferença fundamental entre as tarefas que cabem a cada um. Ao escritor cabe dar às palavras uma forma ideal e imutável enquanto ao tradutor cabe a tarefa de as libertar do confinamento da língua de partida insuflando-lhes uma nova vida na língua para a qual são traduzidas.

Nessa perspectiva, é oportuno destacar as ideias de Michel Foucault (1986) a respeito da prática discursiva, enquanto elemento modalizador dos sentidos que compreende um universo mais amplo em termos da significação estrita dos signos, abrangendo de forma substancial as relações sociais envolvidas em todo ato discursivo. E é justamente observando a língua sendo utilizada em determinado contexto, por determinados sujeitos com objetivos específicos, que se pode verificar as inúmeras variações possíveis na construção de sentidos envolvidos na relação entre “as palavras e as coisas”.

Conforme demonstra o filósofo, o discurso não abrange apenas um confronto entre uma realidade e uma língua ou a correlação direta entre um léxico e uma experiência, pois, ao se analisar os discursos, observa-se que os laços entre as palavras e as coisas, aparentemente tão fortes, mostram-se tênues porque existe um conjunto de regras inerentes à própria prática discursiva. Desta forma, Foucault propõe não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que

remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente, continua o autor, os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse *mais* que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 1986).

3.2.1.1 Importância do contexto

O antropólogo Bronislaw Malinowski (1923), trabalhando nas Ilhas Trobriand, verificou que a tradução da língua dos habitantes dessa ilha para o inglês requeria o conhecimento da sua cultura e das circunstâncias em que ocorriam as suas interlocuções. É dele o termo “contexto situacional”. Sabe-se que a língua varia de acordo com as situações de uso. Mas é difícil formalizar a natureza dessa relação, já que certos elementos da situação têm um efeito sobre a língua enquanto outros não.

J. R. Firth (1935), influenciado pelo trabalho de Malinowski (1923), desenvolveu uma teoria geral do significado-em-contexto. Para ele, a descrição do contexto permite prever a língua que será usada e vice-versa. Na medida em que o conceito do autor se adequava somente a textos específicos, Firth propôs uma descrição de contexto de uso que abordasse diferentes textos como parte de uma ampla teoria linguística. Dessa maneira, os elementos envolvidos são: os participantes, a ação dos participantes, características da situação e efeitos da ação verbal.

Mais tarde, o antropólogo americano Dell Hymes, em seu trabalho na etnografia da comunicação, segundo informa Jesus (2012), propôs outros elementos que também descrevessem o contexto de uso: a forma e conteúdo da mensagem, o cenário, os participantes, o efeito da comunicação, a chave, o meio, o gênero e as normas de interação. O seu trabalho procurava englobar as diferentes maneiras que a língua pudesse ser usada em diferentes culturas.

3.2.2 A construção e a transformação do significado

Desde os primeiros escritos sobre tradução e sobre a questão do significado, segundo Tymoczko (2007), parece nunca ter havido um consenso sobre o que seria

significado. No Ocidente, o significado semântico:

é tradicionalmente o tipo de significado privilegiado em [...] teorias filosóficas do significado, assim como no treinamento do tradutor. Forma, gênero, poesia (incluindo som, ritmo, rima, tempo, duração, ritmo e outras convenções literárias) e estilo carregam significados que vão muito além do significado semântico¹ (TYMOCZKO, 2007, p. 287).

A primeira relação a ser estabelecida, portanto, diz respeito ao tradutor enquanto leitor. Na opinião de Ottoni:

[a] leitura [é] um acontecimento que revela a intervenção e a integração do leitor com a língua. A tradução e a leitura são fenômenos complexos de construção e transformação de significados – de sentidos – que ocorrem através da fusão do tradutor ou leitor com o texto. (OTTONI, 1997, p. 19)

Em direção oposta àquela defendida por Bouhours (apud AROUCHE, 1992), ou seja, do desejo por um texto que fosse como um receptáculo das intenções do autor, livre das interferências temporais e geográficas e, acima de tudo, livre de ter seus significados alterados pela interpretação dos leitores, essa visão considera o leitor como um sujeito que não pode “escapar dos desejos que o constituem e das circunstâncias – seu tempo, sua ideologia, sua formação, sua psicologia – que, literalmente, ‘fazem sua cabeça’” (ARROJO, 1993, p. 18).

Segundo Arrojo (1993), o leitor de um texto não pode proteger os significados originais de um autor porque, a rigor, nem o próprio autor poderia estar plenamente consciente de todas as intenções e de todas as variáveis que permitiram a produção e a divulgação de seu texto. Da mesma forma, no momento da leitura, o leitor não poderá deixar de lado aquilo que o constitui como sujeito e como leitor – suas circunstâncias, seu momento histórico, sua visão de mundo, seu próprio inconsciente.

Em outras palavras, o leitor somente poderá estabelecer uma relação com o texto (como todos nós, a todo momento e em todas as nossas relações), que será sempre mediada por um processo de interpretação, um processo muito mais criativo do que conservador, muito mais produtor do que protetor. Assim, o significado não se encontra para sempre depositado no texto, à espera de um leitor adequado que o

¹ it is traditionally the type of meaning privileged in [...] philosophical theories of meaning, as well as in translator training. Form, genre, poetics (including sound, rhythm, rhyme, timing, duration, pace, and other literary conventions), and style carry meaning that go well beyond semantic meaning (TYMOCZKO, 2007, p. 287, tradução nossa).

decifre de maneira correta.

O significado de um texto somente se delinea, e se cria, a partir de um ato de interpretação, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos padrões estéticos, éticos e morais, nas circunstâncias históricas e na psicologia que constituem a comunidade sociocultural – a “comunidade interpretativa”, no sentido de Stanley Fish (1982, p. 235) – em que é lido.

O que vemos num texto é exatamente o que nossa comunidade interpretativa nos permite ler naquilo que lemos, mesmo que tenhamos como único objetivo o resgate dos seus significados supostamente originais, mesmo que tenhamos como único objetivo não nos misturarmos ao que lemos. Segundo Arrojo (1993), do mesmo modo que não podemos deixar de lado o que somos e o que pensamos quando nos relacionamos com o mundo real, também não podemos ler um texto sem que projetemos nessa leitura as circunstâncias e os padrões que nos constituem enquanto leitores e membros de uma determinada comunidade.

Sob a perspectiva de Lawrence Venuti (1995), um texto estrangeiro é o local de muitas possibilidades semânticas diferentes, que são fixadas provisoriamente em qualquer tradução, com base em diferentes pressupostos culturais e escolhas interpretativas, em situações sociais específicas, em diferentes períodos históricos. O significado é uma relação variável e contextual, não é uma essência unificadora imutável e, portanto, uma tradução não pode ser julgada de acordo com conceitos baseados em matemática de equivalência semântica ou palavra por palavra (VENUTI, 1995).

Para Bassnett (2003), a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua para outra – ela é hoje corretamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas, um processo no qual ocorrem todos os tipos de transações mediadas pela figura do tradutor.

Essa crença no resgate total de significados também é responsável pelo pouco prestígio creditado aos tradutores. Segundo Arrojo (1992), aos tradutores e às traduções tem sido dado um lugar de marginalidade e isso é consequência das concepções de significado, de verdade e de realidade que têm embasado grande parte das teorias, das filosofias e das visões de mundo da civilização ocidental desde, pelo menos, Aristóteles e Platão. O que essas concepções têm em comum é a crença na possibilidade de algum nível de conhecimento em estado puro – independente de qualquer perspectiva ou contexto – que se pudesse instalar nas palavras, na fala ou

na escrita, e que, por não se fundir às palavras, aos textos nem às suas circunstâncias, pudesse ser deles retirado e adequadamente resgatado.

Arrojo afirma que ao se levar às últimas consequências a concepção logocêntrica da tradução como transporte de significados estáveis e determinados de uma língua para outra, de uma cultura para outra e de um tempo e lugar para outros, qualquer tradução deverá ser capaz não apenas de encontrar significantes em que caibam perfeitamente os significados transportados sem danos e sem perdas, mas, sobretudo, deverá ser capaz do milagre de transformar a diferença não simplesmente em semelhança, mas em igualdade, para que esteja acima de qualquer suspeita, de qualquer crítica e de qualquer desgaste.

Tradução sem interpretação, portanto, é algo que não existe. Além disso, “nenhum ato de interpretação é definitivo” (VENUTI, apud BASSNETT, 2003, p.14). Nida salienta a não existência de línguas idênticas, tanto em relação ao significado dos símbolos quanto na forma como eles são organizados em frases e sentenças. Logo, não há como haver correspondência absoluta entre as línguas e, assim, torna-se impossível realizar uma tradução exata. No máximo, pode ocorrer uma aproximação com o original, contudo, sem uma identificação pormenorizada. Dessa maneira, constata-se que o processo de tradução pressupõe certo grau de interpretação por parte do tradutor (apud RUBEL; ROSMAN 2003, p. 8).

Tymoczko (2007) adverte que a maior atividade de capacitação que os tradutores podem empreender é explorar e refletir sobre a natureza do significado em geral e a natureza e o papel do significado na tradução em particular, liberando suas práticas de tradução do falso ditado para preservar o significado. Esta não é uma tarefa fácil, porque o significado é tratado por muitos estudiosos e professores de tradução, bem como pelos próprios tradutores, como se fosse uma coisa simples e óbvia, um conceito simples e sem problemas. Essa disposição diverge nitidamente das visões de significado em linguística, filosofia e estudos literários, bem como em muitas outras disciplinas acadêmicas, em que há tanto dissenso quanto discórdia sobre o que se entende por significado” (TYMOCZKO, 2007, p. 265).

A resposta dada por Tymoczko à pergunta: Onde está o significado do texto? também é bastante esclarecedora. Afirma a estudiosa que o significado de um texto não reside dentro do próprio texto, e os alunos geralmente estão cientes do problema em responder imediatamente. Muito do significado de um texto e o significado que um tradutor deve considerar está fora do texto, isso inclui o significado que o tradutor como

leitor traz para o processo de tradução, incluindo conhecimentos contextuais, materiais ou significados pressupostos.

3.2.3 *Determinismo e Relatividade Linguísticas*

A hipótese de que línguas diferentes influenciam o pensamento de maneiras diferentes existe desde o início da filosofia (SLOBIN, 1980). Sapir (apud MANDELBAUM, 1958, p. 162) refere-se às noções de determinismo linguístico (a língua pode determinar a cognição) e de relatividade linguística (o determinismo é relativo à língua que se fala), também conhecida como hipótese whorfiana, em homenagem a Benjamin Lee Whorf (1956), que devotou grande atenção ao problema. Edward Sapir, o grande linguista, professor de Whorf, faz a seguinte afirmação sobre o problema:

Os seres humanos não vivem isolados no mundo objetivo, nem no mundo da atividade social como ordinariamente se entende, mas estão muito à mercê da língua que se tornou o meio de expressão de sua sociedade. O 'mundo real' é, em larga extensão, construído inconscientemente sobre os hábitos linguísticos do grupo (MANDELBAUM, 1958, p. 162).

Começa-se a pensar em relatividade linguística quando se comparam línguas e descobre-se quão diferentes podem ser as categorias da experiência nelas incorporadas. As línguas diferem muito tanto nas categorias que expressam, quanto nos meios linguísticos que empregam para a representação dessas categorias. Essas diferenças vão além do fato tão conhecido de que a maioria das palavras não tem tradução perfeitamente equivalente de uma língua para outra.

Whorf estava interessado em relacionar o léxico e a gramática – especialmente a gramática – a *Weltanschauung*, ou seja, com a total cosmovisão de uma cultura. Sua abordagem é chamada de "hipótese linguística da *Weltanschauung*".

Antes de examinar essas questões mais detalhadamente, é preciso indagar: que espécies de prova, afinal, levaram as pessoas a falar de relatividade linguística? Pode-se iniciar a resposta com o nível lexical.

3.2.3.1 O nível lexical

Quando comparamos duas línguas, podemos observar que:

- (a) uma delas tem palavras para as quais não há, de forma alguma, palavras equivalentes na outra língua (p.ex. “pinga”; “tatame”).
- (b) as línguas também diferem no fornecimento de hiperônimos para designar as categorias. P.ex.: “*nut*” (inglês) não tem tradução para o português. Os árabes possuem muitos termos para as várias raças de cavalos, mas nenhum termo hiperonímico para “cavalos”, de abrangência geral.
- (c) as línguas diferem lexicalmente também nos modos como seccionam os campos semânticos como, por exemplo, termos para cor e no modo como dividem o *continuum* do espectro solar.

As línguas diferem na maneira como dividem alguns campos semânticos. Dois problemas devem ser considerados: (1) a natureza da codificabilidade, e (2) os efeitos da codificabilidade. Quanto ao primeiro ponto, considere-se o exemplo de Whorf (1956), da riqueza do vocabulário dos esquimós no que se refere à neve. Nota-se que em todos esses casos é a presença ou ausência de uma única palavra que se oferece como prova da relatividade e do determinismo linguísticos. Lembre-se, porém, de que toda língua possibilita combinar palavras de maneira produtiva. Na ausência de uma palavra específica (“pinga”) pode-se de alguma maneira descrevê-la por meio de sintagmas “bebida feita de cana” e assim por diante.

O segundo ponto: o efeito da codificabilidade. Em francês, um só termo, “*conscience*”, é usado para dois termos ingleses, “*conscience*” e “*consciousness*”. Por um lado, isso significa que os que falam francês não têm a seu alcance um meio de distinguir as duas noções, como têm os de língua inglesa. Por outro lado, isso significa que eles podem, mais facilmente, estabelecer uma relação de identidade parcial entre esses dois termos, o que é muito difícil para os falantes de inglês. Alguns pensam ser possível demonstrar que essa identidade linguística levou os pensadores franceses a uma fusão conceitual maior entre os conceitos de “*conscience*” e “*consciousness*”, do que o que se dá entre os pensadores ingleses ou alemães.

Embora seja um ponto discutível, Slobin (1980) acredita que qualquer conceito pode, de algum modo, ser codificado em qualquer língua, embora facilmente em

algumas e por meio de circunlóquios complexos (perífrases) em outras. Assim, quanto ao nível lexical, ele opta pela forma fraca da hipótese whorfiana. Essa forma traça uma importante distinção entre comportamento habitual e potencial. Por exemplo, embora todos os homens possam discriminar potencialmente muitas cores, a maioria emprega habitualmente apenas poucos termos alusivos a cores usuais.

3.2.3.2 O nível gramatical

Em relação ao nível gramatical, continua Slobin (1980), a questão do determinismo se torna bastante complicada, porque há uma variedade de classificações obrigatórias incorporadas à gramática, às quais geralmente não se presta atenção. Os exemplos citados anteriormente mostram que as categorias gramaticais de uma língua levam, sem que se perceba, a prestar atenção para os diferentes atributos das situações.

Um exemplo esclarecedor dessa sugestão encontra-se no emprego dos pronomes de tratamento em várias línguas. No alemão, por exemplo, deve-se escolher entre o familiar "*du*" e o polido "*sie*", ou entre as formas correspondentes do francês "*tu*" e "*vous*", usando ao mesmo tempo as formas próprias da conjugação verbal. Na comparação com o inglês, que só possui o "*you*", tem-se uma demonstração clara da importância dessa distinção gramatical obrigatória que exige prestar atenção para certas circunstâncias (como por exemplo: a questão da idade, do respeito etc.

3.2.4 Tipologia linguística

A conferência interdisciplinar pioneira sobre a questão dos universais linguísticos, organizada em 1961, por Greenberg, Osgood e Jenkins, gerou bastante informação a respeito das línguas do mundo, revelando padrões comuns surpreendentes (SLOBIN, 1980). Todas as línguas são condicionadas por:

- (a) tendências humanas a pensar e imaginar de certa maneira;
- (b) natureza e metas da interação humana;
- (c) exigências de realização impostas por um código que se enfraquece

rapidamente e é temporariamente ordenado (seja fala auditiva, seja sinal visual).

Examinando uma extensa e variada amostra das línguas do mundo, Greenberg (1963) e outros depois dele encontraram curiosas lacunas nas combinações possíveis dos traços gramaticais que constituem uma língua.

O numeral em português, codifica a unidade + o gênero (masculino ou feminino):

UM	UMA
unidade + masc.	unidade + fem

O numeral em japonês codifica a unidade + o fato de ser folheável:

ISSATSU
unidade + folheável

Exemplos de numeral em japonês:

IPPIKI	HITORI	IPPON	IKKO	ITTOO
unidade + animal	unidade + pessoa	unidade + longo	unidade + pequeno	unidade + grande

Outro exemplo que ilustra a diferença tipológica entre português e o japonês vem do conceito que Chafe (1976) chama de tópico, elemento que sistematicamente antecede a oração. Para o autor, só existiria esse elemento em língua de tópico, como o chinês ou o japonês. Veja um exemplo (tradução do português: O tronco da árvore é grosso.):

- (1) Ki wa eda ga futoi.
 árvore tronco grosso

Outro exemplo que demonstra claramente o contraste tipológico vem de Slobin (1996), que comparou o inglês com o espanhol. Essas línguas representam os polos opostos da dicotomia tipológica, que Leonard Talmy (1985, 1991 apud SLOBIN, 1996) caracterizou como sendo de tipo enquadre-satélite *versus* tipo de enquadre-verbo. Considere-se o exemplo prototípico de Talmy (1985, 1991) sobre a descrição de um homem saindo a cavalo de um jardim, em que o autor compara o inglês com o espanhol (que vale também para o português):

- (2) *He rode out of the garden.* X Ele saiu do jardim montando um cavalo.

Em inglês, o satélite do verbo, *out*, expressa a formação nuclear do movimento, enquanto em português, é o verbo por si, *sair*, que expressa essa informação. Note-se que a informação sobre o “modo do movimento” que é expresso pelo verbo em inglês (incluído em *rode*), não o é no português, que precisa, assim, do acréscimo do adjunto adverbial (*montando um cavalo*). Por seu lado, o português codifica a direção “para fora” no próprio verbo (*saiu*), enquanto o inglês precisa acrescentar a partícula adverbial (*out*). Esses padrões são muito frequentes nas duas línguas.

Quadro 1 – Enquadre-Satélite (inglês) e Enquadre-Verbo (espanhol)

Inglês		Espanhol	
rode	out	Salió	montando a caballo
mov + modo	fora (satélite)	mov + fora	modo

Fonte: Slobin (1996)

A seguir, outros exemplos:

- (3) *Gradually he worked his way up to the foot of the bluffs.*
 Poco a poco, fue acercándose (Ø), hasta el pie de los riscos. [omite]

- (4) *Mrs Tranter rustled forward, effusive and kind. [rustle = sair farfalhando a saia]*
 (a) Mrs Tranter se adelantó (Ø), efusiva y amable. [ou omite 'farfalhar']
 (b) Salió del cuarto, acompañada del susurro siseante de sus ropas. [ou traduz]

Na pesquisa que realizou, comparando inglês e espanhol, Talmy (1991) mostra que, devido a necessidade de traduzir o adjunto adverbial “up” no exemplo (3) e “rustled” no exemplo (4), o tradutor ou omite (exemplo (3) e (4a) ou traduz (4b). O autor mostra, também, que em caso como (4b), em que “rustled” é traduzido por “del susurro siseante de sus ropas”, a tendência é pela omissão devido à sua extensão, com perda de parte do significado presente no texto inglês. Talmy (1991) conclui, então, com base em sua pesquisa, que a língua inglesa, nesse caso, é mais dinâmica que o espanhol, que tenderia a ser mais estática por conta de longos adjuntos adverbiais.

Assim, também, Talmy pergunta: como traduzir para o espanhol o relato de um cervo que atira morro abaixo um menino e seu cachorro, que perseguiam uma rã, e que acabam caindo num lago?

- (5) *The deer starts running and he tips him off over a cliff into the water. And he lands.*

As línguas que mapeiam o esquema nuclear no verbo, segundo Talmy, são consideradas como tendo um enquadre-de-verbo (línguas românicas, semíticas, japonês, tamil, polinésio, a maioria das línguas bantu, a maioria das línguas mayanos, o nez perce e o cado). Por outro lado, as línguas que mapeiam o esquema nuclear no satélite são consideradas como enquadre-de-satélite (a maioria das línguas indo-europeias (exceto as românicas), o finlandês, o chinês, ojibwa e o warlpiri).

A seguir, são apresentadas: a Linguística Sistêmico-Funcional, uma proposta teórico-metodológica, de Halliday (1994), incluindo o conceito de avaliatividade, noções que integram a identificação das diferenças entre o original e as traduções de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

3.3 Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma proposta teórico-metodológica de Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004) e seus colaboradores. Subjacente

à LSF, existem quatro premissas maiores. O modelo estabelece que o uso da língua é funcional; sua função é construir significados; os significados são influenciados pelo contexto social e cultural em que são intercambiados.

A consideração da inter-relação entre língua e contexto é imprescindível para a LSF. Os contextos que afetam a língua, para os sistemicistas, são sociais: (a) gênero (contexto cultural); e (b) registro (contexto situacional), e mais recentemente, a LSF tem abordado o contexto ideológico.

O gênero representa os processos sociais em estágios orientados para uma finalidade de uma dada cultura, tais como a narrativa, uma anedota, uma reportagem, um relato, um procedimento, etc., e, por isso, são em geral rotulados de contexto de cultura.

O registro, por outro lado, refere-se ao contexto de situação (MARTIN, 1992) e envolve três variáveis contextuais:

- CAMPO (assunto): remete à atividade que está sendo realizada pelos participantes, à natureza da ação social que está ocorrendo, com objetivo específico;
- RELAÇÕES (status dos interactantes): envolvem os participantes, a natureza dos papéis que desempenham, o grau de controle de um participante sobre o outro, a relação entre eles (hierarquia), e a distância social (mínima, média ou máxima, dependendo da frequência com que interagem);
- MODO (organização do texto): refere-se à função que a linguagem exerce e ao veículo utilizado naquela situação. Trata-se do papel da linguagem (constitutivo ou auxiliar/suplementar), do compartilhamento entre os participantes (dialógico ou monológico), do canal (gráfico ou fônico) e do meio (oral, escrito, não verbal).

Há também um terceiro contexto, o ideológico, que tem sido abordado pela LSF. A ideologia ocupa um nível superior de contexto, referindo-se a posições de poder, a vieses políticos e a suposições sobre valores, tendências e perspectivas que os interlocutores trazem para seus textos, e tem chamado a atenção dos sistemicistas, na medida em que, em qualquer registro, em qualquer gênero, o uso da língua será sempre influenciado pela nossa posição ideológica. A análise dos aspectos ideológicos tem sido feita, dentre outros, pela Linguística Crítica (FOWLER, 1991).

A LSF é descrita como "uma abordagem semântico-funcional da língua" (EGGINS, 2004, p. 20), uma teoria que procura entender como as pessoas usam a língua em diferentes contextos sociais, para fazer sentido do mundo e de cada um. Como Martin e White (2005, p. 7) explicam, "a LSF é "um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso". Em resumo, a LSF procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permita uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

O processo de uso da língua é um processo semiótico, um processo de fazer significado por meio de escolhas. A noção de escolha é essencial para a LSF, para a qual quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas, mas que não o foram. Este fato, importante para a análise do discurso, adianta a noção de agnação, importante para a tradução, pois mostra que um item X na língua do original possui vários agnatos potenciais e que, assim, qualquer que seja a opção do tradutor, o item correspondente também possui a sua rede de agnatos no potencial do sistema da língua da tradução, relacionados ao item X e seus agnatos (MATTHIESSEN, 2001).

Para classificar os tipos e significados que os atores sociais geram, a LSF concebe a língua como a expressão de três metafunções (ou significados) concorrentes: ideacional, interpessoal e textual (HALLIDAY 1994]; HALLIDAY, MATTHIESSEN 2005; MARTIN 2000). Essas metafunções agem juntas: cada palavra que se diz realiza as três metafunções. Em sendo assim, tudo que expressamos linguisticamente quer dizer, simultaneamente, três coisas: alguma coisa (ideacional) dita a alguém (interpessoal) de algum modo (textual).

A língua pode manipular esses três tipos de significados simultaneamente, porque possui um nível intermediário de codificação: a lexicogramática. É esse nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes, que entram no texto por meio das orações mediante escolhas feitas no sistema linguístico. Daí por que, para Halliday, a descrição gramatical ser essencial à análise textual.

3.3.1 *Metafunção ideacional*

Na metafunção ideacional, a oração tem um papel central, porque incorpora um princípio geral de modelagem da experiência – ou seja, o princípio de que a realidade é feita de processos. A oração é também um modo de reflexão, de ordenação da variação infinita do fluxo de eventos. O sistema gramatical pelo qual isso é alcançado é o da transitividade.

O sistema de transitividade constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de tipos de processo. Nossa impressão mais poderosa da experiência é de que ela consiste em 'eventos' – *acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se*. Todos esses eventos estão distinguidos na gramática da oração, continua o autor. A análise da transitividade permite mostrar o viés e a manipulação envolvidas nessas representações, por meio do exame das escolhas feitas no texto referentes a estados de ser, ações, eventos e situações referentes a dada sociedade.

Halliday (1994) sugere que os processos semânticos representados na oração tenham potencialmente três componentes: o próprio processo, que é expresso pelo grupo verbal da oração; os participantes envolvidos no processo, realizados pelos grupos nominais da oração; e as circunstâncias associadas com o processo, expressas por grupos adverbiais ou preposicionais.

A classificação dos processos se faz, conforme representem ações, eventos, estados da mente ou estados de ser. em: material, mental e relacional, os três tipos principais no sistema da transitividade, referindo-se respectivamente a ações ou eventos do mundo externo, a experiência interna da consciência e os processos que classificam e identificam. Nos limites entre esses eles estão os processos: comportamental (que representam manifestações de atividades internas), verbal (relações simbólicas construídas na consciência humana e em estados fisiológicos) e existencial (processos relacionados à existência), explicados mais detalhadamente a seguir. Sendo eles:

Processos materiais - Processos materiais são processos de fazer, ou seja, envolvem ações físicas e expressam a noção de que alguma entidade fez algo que pode atingir outra entidade. Os processos materiais envolvem um ator — que realiza a ação — mesmo se não mencionado na oração (THOMPSON, 1996, p. 78); e um participante chamado de meta, o afetado pela ação do ator.

Outros participantes que podem ocorrer com os processos materiais são: o escopo, o receptor e o cliente (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). O escopo é uma entidade que existe de forma independente do processo, expressando a extensão de atuação do processo. Os participantes receptor e cliente ocorrem em contextos diversos e podem ser associados ao “objeto indireto” da gramática tradicional. Ambos os participantes são distinções do participante beneficiário, que Halliday, em estudos mais recentes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), tratou de expandir. Thompson (2004, p. 106), mantém uma opinião contrária, a qual seguiremos nesse trabalho: “em alguns casos, outras classificações são possíveis, contudo, muitas vezes o rótulo Beneficiário é suficiente”.

Processos mentais - Os processos mentais são os processos de sentir (HALLIDAY, 1994, p.112) e dizem respeito ao que ocorre no mundo interno da mente (THOMPSON, 2004). Para Halliday e Matthiessen (2004), tais processos se referem a ações que não ocorrem no mundo material, mas no fluxo de nosso pensamento (consciência), ou em sua representação.

Thompson (2004), em conformidade com Halliday e Matthiessen (2004), entende que os processos mentais podem ser divididos em quatro subcategorias: processos de afeto (ou afeição), relacionados aos sentimentos (amar, detestar, etc.); processos de cognição, relacionados à decisão, raciocínio e estados de consciência (decidir, saber, entender, etc.); processos de percepção, relacionados ao uso dos sentidos e observação de fenômenos (ver, ouvir, sentir, etc.); e processos mentais de desejo, relacionados aos desejos e anseios (ansiar por, querer, desejar, etc.). Os participantes nesse tipo de processo são: o experienciador, aquele em cuja mente o processo se realiza; e o fenômeno, que é o elemento, fenômeno ou objeto realizado pelo processo.

Processos relacionais - Os processos relacionais são os processos de ser, estar e ter. Tais processos estabelecem uma relação entre dois conceitos e a função do processo é somente sinalizar a existência da relação, ocorrendo sempre um só participante no ‘mundo real’. Exemplos:

- (1) A garota está impaciente.
- (2) A vitória era sua meta.

Esses exemplos indicam dois tipos diferentes de processo relacional: no primeiro, “a garota” está sendo qualificada como “impaciente”, enquanto no segundo, uma relação de identidade é construída entre “a vitória” e “a meta”. O primeiro tipo de processo relacional em (1) é chamado de processo relacional atributivo e seus dois participantes são o portador (a entidade que carrega o atributo) e o atributo. Já o segundo tipo de processo relacional em (2) é chamado de processo relacional identificador e sua função é identificar uma entidade em termos de outra, equivalendo a um sinal de igual (=). Devido a esta característica, não é de estranhar que esses processos sejam reversíveis, o que não acontece com o tipo atributivo.

Processos verbais - Os processos verbais são processos de dizer e estão na fronteira entre os materiais e os mentais: dizer uma coisa é uma ação física que reflete uma operação mental (HALLIDAY, 1994). Mesmo com essa dupla face, os processos verbais são facilmente reconhecidos, pois estão relacionados à transmissão de mensagens pela linguagem (THOMPSON, 2004, p.100). O dizente é o único participante obrigatório nos processos verbais. Outros participantes opcionais figuram com o processo verbal. São: o receptor, para quem a mensagem é endereçada; o alvo, a pessoa, objeto ou entidade que é atingida pelo processo (aquele de quem se fala); e a verbiagem que consiste num rótulo para a própria linguagem.

O que pode ocorrer com os processos verbais é expressar uma mensagem numa oração separada, o que chamamos de projeção. Mesmo havendo relação de dependência entre as orações em alguns casos, a oração projetada deve ser analisada separadamente, como no exemplo a seguir (THOMPSON, 1994, p. 98): Ele disse que não gostou do trabalho, em que “disse” é processo verbal da primeira oração (e.g. ele disse); e “gostou” é processo mental da oração projetada (e.g. que não gostou do trabalho).

Processos comportamentais - Os processos comportamentais devem ser salientados mais por aspectos semânticos do que gramaticais. São os processos das atitudes fisiológicas humanas, e a principal razão da existência desta categoria é a necessidade de se diferenciar processos puramente mentais, daqueles que implicam sinais físicos (THOMPSON, 2004), como por exemplo, em situações do tipo: Ele viu a garota no banheiro (processo mental) e “Ele espiou a garota no banheiro” (processo comportamental): há um desejo (mental) e um ato físico.

O processo comportamental costuma apresentar apenas um participante: o comportante, aquele que realiza o comportamento. Porém, às vezes, ocorre o participante opcional ‘alcance’ (comportamento) — que se assemelha à natureza do escopo do processo, das orações materiais. São exemplos: “cantar uma canção”, “dar um grande bocejo”, “dar uma risada”, “dar um pontapé” (FUZER; CABRAL, 2014, p.78).

Processos existenciais - De acordo com Thompson (2004), os processos existenciais, expressam essencialmente a mera existência de uma entidade sem predicá-la ou relacioná-la com qualquer outra coisa. Em português brasileiro, os processos existenciais podem ocorrer tipicamente com os verbos “haver”, “existir” e “ter” (e.g. Tem gente faminta por toda a parte.), mas podem ocorrer com outros verbos, dependendo do contexto (e.g. Apareceu uma cabra ruiva.).

Circunstâncias - Para Thompson (1994), a função das circunstâncias é definir o contexto no qual uma proposição ocorre. Tais circunstâncias são realizadas por grupos adverbiais ou frases preposicionais (HALLIDAY, 1994, p. 149). Pela ótica da sistêmico – diferentemente da gramática tradicional – as circunstâncias são vistas com maior importância, podendo introduzir um participante de forma indireta ou funcionando como um “mini-processo” (HALLIDAY, 1994, p. 158).

A seguir, o Quadro 2 apresenta resumidamente o sistema da transitividade:

Quadro 2 – Tipos de processos na LSF

Processos	Participantes ligados ao processo			
Material	João Ator	QUEBROU Material	a mesa Meta	com um soco Circunstância
Comportamental	Ele Comportante	[perdeu a cabeça e]	SOCO Comportamental	a mesa Alcance
Mental	Eu Experienciador	ENTENDI Mental	o seu sofrimento Fenômeno	
Verbal	O rapaz Dizente	CONTOU Verbal	- me Receptor	sobre a difícil situação Verbiagem
Relacional	João Portador	CONTINUA Relacional	deprimido Atributo	
Existencial	HOUVE Existencial	motivos Existente	com certeza. Circunstancial	

Fonte: HALLIDAY (1994)

Nesse contexto, Fowler (1991) sugere que padrões alternativos na língua associam valores diferentes com implicações ideológicas. Portanto, a análise da transitividade pode oferecer intravisiões sobre as percepções do escritor, bem como os modos pelos quais a interpretação do leitor é orientada em determinada direção.

Na mesma linha de raciocínio, Fairclough (2003), a análise da transitividade oferece a interpretação sobre fatos sociais, culturais e ideológicos que podem influenciar o significado de um texto. Conseqüentemente, essa análise mostra a atribuição, por exemplo, da agência aos participantes, oferecendo uma ferramenta útil para mostrar a construção da realidade pela língua por meio de categorização, caracterização e da polarização no discurso.

Por outro lado, neste término da exposição da metafunção ideacional, é importante retornar a um fato essencial estabelecido pela LSF, ou seja, o de que o uso da língua leva em consideração não só as estruturas linguísticas, mas também as suas funções. Assim, a partir do momento em que esse conceito de funções da língua começou a ser investigado e aplicado no campo da Linguística, teóricos afiliados aos estudos da tradução começaram a explorar as perspectivas textuais e discursivas a fim de entender e explicar o fenômeno tradutório.

A importância da escolha no processo da agnação, acima mencionada, relacionada ao sistema da transitividade, pode esclarecer a tradução de X, do original por um dos agnatos da língua traduzida, e que essa escolha reflita a "hipótese linguística da *Weltanschauung*", de Whorf (1956). a total cosmovisão de uma cultura. Whorf estava interessado em relacionar o léxico e a gramática ao fato de o "mundo real" ser, em larga extensão, construído inconscientemente sobre os hábitos linguísticos do grupo (MANDELBAUM, 1958, p. 162). Nesse sentido, a escolha feita na língua do texto original, além de corresponder a inúmeros agnatos do texto traduzido, pode também estar sob a influência dessa hipótese.

A metafunção ideacional, explica Halliday (1994), tem a função de representar padrões de experiência. As línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade, para que ele entenda o que acontece ao seu redor e no seu interior. Assim, os recursos ideacionais constroem nossa experiência: o assunto, quem faz o que para quem, onde, quando, por que e como, além das relações lógicas entre eles.

Porém, os seres humanos não vivem isolados no mundo objetivo, nem no mundo da atividade social como ordinariamente se entende, mas estão muito a mercê da

língua que se tornou o meio de expressão de sua sociedade. Fica claro nessa afirmação de que línguas diferentes têm efeitos diferentes no pensamento e na experiência. Sapir argumenta "os hábitos linguísticos [...] predispõem a certas escolhas de interpretação" (SAPIR, 1958, p. 38).

3.3.2 Metafunção interpessoal

A oração, além de informar (metafunção ideacional), está organizada como um evento interativo, envolvendo falante (ou escritor) e audiência. Os tipos interpessoais fundamentais de papel de fala são apenas dois, para Halliday (1994): dar e pedir informação ou bens & serviços, que se relacionam com a natureza do produto permutado: Proposição para informação e Proposta para bens serviços.

A metafunção interpessoal divide a oração em *mood*² e resíduo. O *mood* envolve: sujeito e finito e o *resíduo* envolve: predicador, complemento e adjunto (circunstancial ou modal), como mostra o Quadro 3.

Quadro 3 – Mood e Resíduo com tempo primário

João	tinha	dado	o livro	à Liz	na festa	felizmente
Sujeito	Finito (tempo primário)	Predicador	complem.	complem.	adj. circuns	adj. Modal
<i>MOOD</i>		RESÍDUO				<i>MOOD</i>

Fonte: Com base em HALLIDAY (1994)

O finito pode realizar-se por meio do verbo modal, como mostra o Quadro 4.

Quadro 4 – Mood e Resíduo com verbo modal

João	precisa	dar	o livro	à Liz	na festa	disfarçadamente
Sujeito	Finito (verbo modal)	Predicador	complem.	complem.	adj. circuns	adj. Modal
<i>MOOD</i>		RESÍDUO				<i>MOOD</i>

Fonte: Com base em HALLIDAY (1994)

² *Mood* tem sido traduzido por Modo (com inicial maiúscula). Decidiu-se manter o termo do original inglês, para evitar confusão com Modo, variável de Registro (contexto situacional).

O *mood* estabelece relações entre papéis de falante e de ouvinte, por meio de: (i) orações declarativas (afirmativas ou negativas), interrogativas, imperativas e, no caso do português, as subjuntivas; (ii) modalidade, que inclui verbos modais (ex., *precisar, poder, querer*), adjuntos modais (ex., *talvez, certamente*) e o tempo primário (tempo verbal), conforme Quadro 5³.

Quadro 5 – Modalidade (entre o SIM e o NÃO)

MODALIDADE	
Modalização	<u>Probabilidade</u> (epistêmica): <i>talvez</i>
	<u>Frequência</u> : <i>geralmente, sempre</i>
Modulação	<u>Obrigação</u> (deôntica): <i>deve, precisa</i>
	<u>Desejabilidade</u> : <i>quero</i>

Fonte: Com base em HALLIDAY (1994)

3.3.3 Metafunção Textual – Tema e Rema

A metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais de uma oração, trabalhando os significados advindos da ordem das palavras na oração.

Consideremos as seguintes possibilidades para uma mesma situação real:

- (a) João beijou Maria.
- (b) Maria foi beijada por João.
- (c) Foi João quem beijou Maria.
- (d) Foi Maria a que foi beijada por João.
- (e) O que João fez foi beijar a Maria.
- (f) Aquela que João beijou foi Maria.
- (g) A Maria, o João a beijou.

Se a estrutura sintática existisse apenas para expressar o conteúdo proposicional, seria difícil entender a razão da existência dessa variedade de formas. A forma marcada (a forma não-marcada é (a), ativa declarativa) tem alguma razão de

³ Halliday (1994, p.163-164) menciona também os epítetos atitudinais (que foram estudados por Martin (2000) com o nome de *appraisal*).

ser.

Para entender a questão, Vilém Mathesius (1939, apud FIRBAS 1974, p. 28), influenciado pelas ideias de H. Weil (1844/2015), começou a estudar, na língua tcheca, a questão de que o modo como um conteúdo é expresso pode interessar mais do que o próprio conteúdo, ou seja, a informação. Ele define (em 1942) "a base do enunciado (základ, tema)" como aquilo "sobre o que se fala na sentença", e "o núcleo (jádro)" (o rema) como o que se fala sobre o tema.

A propósito, Ninomiya (2012) em sua tese de doutorado, mostra como a tradução do conto japonês "Amagasa" para o português evidencia esse fato. Trata-se do início do namoro entre um rapaz (*shônen*) e uma jovem (*shôjo*) que, aos poucos, se juntam sob um guarda-chuva. A delicada aproximação alterna pequenas atitudes ora do *shônen* ora da *shôjo*. Porém a tradução em português não manteve essa alternância, como mostram alguns trechos, em que o lugar do tema *shônen* ou *shôjo* no original é ocupado por outras categorias sintáticas:

<p>Shônen wa ame no tame yori mo, shôjo ga suwatteiru mise saki o tôru hazukashisa o kakusu tameni, hiraita kasa datta.</p>	<p>Não foi propriamente por causa da chuva, mas o garoto abriu o guarda-chuva para disfarçar sua timidez, ao passar em frente à lojinha onde a garota estava sentada.</p>
<p>Shôjo wa, hyoui to shônen o miagete hô o someru to, akarui yorokobi ni me o kagayasete, kodomono yô ni, sunao ni batabata to keshôshitsu e hashitte itta.</p>	<p>Por um instante, ela ergueu o olhar para ele, corando um pouco; então, com os olhos brilhando de felicidade como uma criança correu docilmente para o tocador em passos leves.</p>
<p>Shônen ni mirarete hajimete, shôjo wa jibun ga shônen no kasa o motte deta koto ni ki ga tsuita.</p>	<p>Só quando sentiu o olhar do garoto, ela se deu conta de que estava com o guarda-chuva dele.</p>
<p>Shôjo wa, misesaki o tôru shônen o miru to, kami o naosu hima mo naku tobidashite kita no datta.</p>	<p>Quando vira o garoto passar na frente da lojinha, ela saía voando, sem ter tempo de ajeitar o cabelo.</p>

Nesse sentido, Figueredo (2006), em sua tese de doutorado, mostra como a diferente organização dos elementos ideacionais e interpessoais na posição de tema revelam a avaliação feita pelo autor e pelo tradutor de dada informação e consequente representação construída.

3.4 Além da permuta: O sistema de avaliatividade (appraisal)

Na LSF, o sistema interpessoal tem sido gramatical em sua base, funcionando no nível da oração, em que *mood* e modalidade servem como pontos de partida para o desenvolvimento de modelos – da função de fala, estrutura de troca etc. (HALLIDAY 1994; VENTOLA, 1987). A tradição baseada na gramática tem focalizado o diálogo como uma permuta de bens e serviços ou de informação. O que tendeu a ser omitido pelas abordagens da LSF é a semântica da avaliação – como os interlocutores estão sentindo, os julgamentos que eles fazem e a apreciação de vários fenômenos de sua experiência (MARTIN, 2000).

Quadro 6 – Exemplos de Avaliatividade

AFETO – emoções	
RITA FRANK	Eu <u>adoro</u> esta sala. Eu <u>adoro</u> aquela janela. E você <u>gosta</u> também? O quê?
JULGAMENTO – ético (avaliando comportamento)	
FRANK	E é o seguinte, entre você, eu e as paredes, eu sou na verdade um professor <u>péssimo</u> . Na maioria das vezes, veja, nem interessa realmente – dar aulas <u>péssimas</u> está bem para a maioria dos meus alunos <u>péssimos</u> .
APRECIÇÃO – estética	
RITA	Sabe, a Rita Mae Brown, que escreveu <i>Rubyfruit Jungle</i> ? Você leu esse livro? Ele é <u>fantástico</u> .

Fonte: Martin (2000)

Nos exemplos do Quadro 6, é evidente que em diálogos como esses é mais que uma simples troca de bens e serviços ou de informação. Juntamente com modelos baseados na gramática, então, precisamos elaborar sistemas lexicalmente-orientados que tratem também desses elementos.

Martin (2000) examina o léxico avaliativo que expressa a opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau. Ele se enquadra na tradição da LSF. O sistema de escolhas usado para descrever essa área de significado potencial é chamado *Appraisal* (doravante avaliatividade).

(1) É inaceitável que o espírito de competição degenerem em mortes.

A categoria principal ou subsistema é o AFETO, que trata da expressão de emoções (felicidade, medo etc.). Relacionado a ele há mais dois subsistemas: JULGAMENTO (tratando de avaliação moral (honestidade, generosidade, etc.) e APRECIACÃO (tratando da avaliação estética (sutileza, beleza etc.), além da AVALIAÇÃO SOCIAL (uma subcategoria de APRECIACÃO, que se refere à avaliação positiva ou negativa de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais). O Quadro 7 apresenta o sistema da avaliatividade.

Quadro 7 – O sistema da Avaliatividade

<i>Avaliatividade (Appraisal)</i>	<i>ENGAJAMENTO</i>	Monoglóssico	
		Heteroglóssico	
	<i>ATITUDE</i>	Afeto	
		Julgamento (ético)	
		Apreciação (estética)	
		Avaliação Social	
	<i>GRADUAÇÃO</i>	FORÇA	Aumenta
			Diminui
		FOCO	Aguça
			Ameniza

Fonte: Traduzido de Martin (2003)

Os sistemas de avaliatividade ligam-se por meio do conceito técnico de redundância: cada sistema “redunda com” sistemas em outra parte da lexicogramática (isto é, em termos simplificados, eles cobrem a mesma área semântica usando diferentes recursos linguísticos). Por exemplo, significados apreciativos são próximos, em termos semânticos, a processos mentais de afeto, como é mostrado no Quadro 9.

O autor apresenta exemplos de redundância (Quadro 8), como a realização de Afeto (Quadros 9, 10 e 11):

Quadro 8 – Redundância

<i>O filme era muito triste</i> Com proc. Relacional + Apreciação	<i>O filme me comoveu até as lágrimas.</i> Com processo Mental
--	---

Fonte: Martin (2000)

Quadro 9 – (a) Afeto como qualidade

adjunto adnominal	<i>um menino feliz</i>	Epíteto
Predicativo	<i>o menino estava feliz</i>	predicativo
modo do processo	<i>o menino brincava feliz</i>	circunstância

Quadro 10 – (b) Afeto como processo

Comportamento	<i>Ela sorriu para ele</i>
disposição mental	<i>Ela gostou do presente</i>
Relacional	<i>Ela se ficou feliz com ele</i>

Quadro 11 – (c) Afeto como comentário

adjunto modal	<i>Felizmente, conseguimos descansar.</i>
----------------------	---

Quando a avaliação está explicitamente realizada, é fácil a análise da atitude em positiva ou negativa em relação a algum evento: (a) Felizmente/Infelizmente, o Brasil desafiou os EUA na ALCA. Mas o que fazer em casos em que a avaliação não está inscrita explicitamente, como em: (b) O Brasil desafiou os EUA na ALCA.

Martin (2000) fala em pareamento do significado ideacional com o interpessoal presente na avaliação linguística. Assim, surge um item complicador relacionado ao fato de que o que conta como a avaliatividade depende do campo do discurso. Por isso, significados ideacionais que não usam léxico avaliativo podem ser usados para evocar apreciação, afeto e julgamento.

No caso da menção por Rita do livro *Rubyfruit Jungle* em “Sabe, a Rita Mae Brown, que escreveu *Rubyfruit Jungle*? Você leu esse livro? Ele é fantástico!” esse fato mostra o quanto ela é ignorante nessa área. Assim, dependendo do contexto da interlocução, a referência de *Rubyfruit Jungle*, que poderia ser entendida como mera informação (metafunção ideacional), pode dar a entender, também, que o livro é pobre em termos intelectuais e, por extensão, avalia igualmente seu leitor (metafunção interpessoal).

Toda instituição está carregada com pareamentos (ideacional + avaliação) desse tipo, e a socialização em uma disciplina envolve tanto um alinhamento com as práticas institucionais envolvidas quanto uma afinidade com as atitudes que se espera que tenhamos em relação a essas práticas. Talvez devesse ser enfatizado que os analistas da avaliatividade deveriam declarar sua posição de leitura – já que a

avaliação por evocação depende da posição institucional que se toma ao ler um texto. Assim, muitos leitores se alinhariam com Rita e não com Frank em termos de textos populares como o citado *Rubyfruit Jungle*.

A avaliatividade, a negociação e o envolvimento constituem as **relações**, uma das variáveis de REGISTRO (campo, relações, modo), que se refere às relações de poder e solidariedade entre os interlocutores. Martin diz que a expressão de atitude não é simplesmente uma questão de posicionamento da pessoa, uma questão interpessoal, pois a razão básica de adiantar uma opinião é provocar uma resposta de solidariedade do interlocutor.

Esse fato levou Martin a postular uma distinção importante entre avaliatividade inscrita (explícita) e evocada (implícita) e, mais recentemente, a evocada provocada, conforme Quadro 12.

Quadro 12 – Os modos como se apresenta a avaliatividade

Inscrita (explícito)	As crianças estavam falando <i>alto</i> .
Evocada (implícito) (<i>tokens</i> 'fatuais')	As crianças conversavam enquanto ele dava aula.

Fonte: Com base em Martin (2000).

Nesse contexto, os sistemicistas recorrem ao termo "logogênese" para identificar a construção dinâmica do significado, conforme o texto se desenvolve (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Thompson (1998) denomina de "ressonância" a essa harmonia de significados que é o produto de uma combinação de escolhas não identificáveis com qualquer outra escolha, se consideradas isoladamente.

De maneira semelhante e com referência à avaliatividade, Martin (1992) e outros sistemicistas notaram que as realizações de significados interpessoais, incluindo modalidades e atitudes, tendem a ser mais "prosódicas" que as realizações mais segmentáveis e localizadas dos significados ideacionais. Para Lemke (1998), componentes redundantes, qualificadores e amplificadores ou restritivos, daquilo que é funcionalmente uma única avaliação, espalham-se através da oração ou da oração complexa ou, mesmo, de longos trechos de um texto. Ficará claro, assim, que as

avaliações de proposições e propostas não são independentes, em longos textos, da avaliação de Participantes, Processos e Circunstâncias incluídos em Proposições e Propostas. Lemke (1998) chama de realização prosódica a esse significado atitudinal que se estende pelo texto e que inclui: *a coesão avaliativa, a propagação sintática, a avaliação projetiva, a avaliação prospectiva e retrospectiva*, e sugere que esses significados avaliativos tenham um papel importante na análise do discurso da heteroglossia social e da identidade individual e coletiva. O autor examina um *corpus* constituído de editoriais.

Assim, por exemplo, devido à existência de vários tipos de nominalização em certos registros, uma proposição (p. ex., "a confirmação chocou a população") num ponto do texto pode tornar-se "condensado" (p. ex., "confirmação") como um participante em outro trecho, e, vice-versa, participantes (especialmente nomes abstratos) podem ser "expandidos" pelo leitor em proposições implícitas através da referência a algum intertexto, ou ao cotexto imediato (p. ex. "João confirmou a denúncia") (LEMKE, 1990).

3.5 A Linguística Sistêmico-Funcional e a tradução

Nos últimos anos, segundo Ming (2007), alguns estudos mostram que o quadro teórico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) pode também ser aplicável ao campo dos estudos de tradução, especialmente nas diferentes versões traduzidas do antigo poema chinês (HUANG, 2002, 2004, 2006; LI, 2007). Zhang e Huang (2003) expõem a perspectiva funcional para estudos de tradução a partir de várias características textuais, contexto e escolha linguística, a relação entre significado e sua realização.

Na segunda edição revisada de *An Introduction to Functional Grammar*, em 1994, o próprio linguista Halliday sinalizou que sua teoria poderia auxiliar no treinamento de tradutores e intérpretes. Inspirando-se nessa possibilidade, Vasconcellos (1997) explorou o conceito de (re)textualização. O foco de seu estudo foi a noção de linguagem como um sistema modelador, ou seja, o uso da linguagem como uma representação das maneiras como as pessoas experienciam e modelam o mundo. Vasconcellos primeiro traçou uma distinção entre a linguística intra-organismo e inter-organismo baseando-se nas concepções de Halliday.

A primeira – o pensamento predominante da 'linguística formal' – considera o

ser humano como um organismo isolado e o seu conhecimento sobre a linguagem como o que provém desse próprio organismo. A segunda, o pensamento predominante da LSF, contextualiza o estudo da linguagem e seu uso dentro de uma sociedade.

A aplicação prática dessas duas perspectivas em Estudos da Tradução (ET) ocorre de duas formas: na concepção do intra-organismo, não são levadas em consideração o valor comunicativo das línguas utilizadas tanto nas línguas fonte como nas línguas alvo.

Inversamente, a perspectiva do inter-organismo tem muito a oferecer, já que ela reconhece “as determinações sociais mais amplas de como o texto significa” (VASCONCELLOS, 1997, p. 25), na qual as informações sociolinguísticas e gramaticais são combinadas para determinar “como o texto significa [...] e como o texto se configura em termos lexicogramaticais” (VASCONCELLOS, 1997, p. 25-26) – em uma integração das perspectivas macro e micro. Vasconcellos sustentou que o fenômeno tradutório poderia ser explicado pelo paradigma funcional. Valendo-se da definição de língua de Halliday como um sistema modelador, propôs uma versão expandida de seus interesses, incluindo textos traduzidos:

Nosso interesse é no [conteúdo] que um determinado tradutor (re)textualizou, em contraste com o que outras pessoas textualizaram e o que ele poderia ter (re)textualizado – incluindo comparativamente, um contraste com outros conteúdos que ele mesmo (re)textualizou (VASCONCELLOS, 1997, p.35).

Neste contexto, Halliday et al (1974) introduzem o conceito de equivalências, de orientação paradigmática, considerando que as palavras e as categorias têm “uma série de equivalentes potenciais em uma escala de probabilidades” (HALLIDAY et al, 1974, p. 151). Nos termos de Halliday (1992, p.16), “um item X na língua do original tem um grupo de itens equivalentes em potencial – A, B, C, D, E, F – na língua da tradução”. O conceito de probabilidades é retomado por Catford (1980) e desenvolvido por Matthiessen (2001).

Em sua discussão sobre o conceito de equivalência, House (2001) afirma que a tradução é uma produção textual que apresenta um vínculo duplo. Por um lado, tem relações com um texto original em outra língua e, por outro, com o potencial comunicativo da comunidade receptora. Sob esta perspectiva, House apresenta

dois tipos de tradução: a encoberta (*covert*), que se apresenta na comunidade receptora com o status de um original, e a manifesta (*overt*), que, devido às suas fortes ligações com o texto e a cultura do original não se dirige especificamente ao leitor da comunidade receptora. A autora explora esses conceitos em uma discussão sobre a qualidade de tradução.

Yallop (2001), por sua vez, discute o conceito de tradução a partir de uma perspectiva filosófica de que não existe identidade absoluta em situação alguma. O autor defende a dificuldade de traçar limites entre o que se define como tradução e adaptação, considerando-se que a equivalência não é uma relação fixa, mas que se define a partir de vários aspectos que permitem determinar um tipo de semelhança que seja admitido em determinada situação.

Mais recentemente, Matthiessen (2001) referiu-se à tradução em termos de “dimensões que organizam o complexo semiótico da linguagem em contexto” (MATTHIESSEN, 2001, p. 41), ou seja, a tradução é um processo semiótico que ocorre (a) entre os sistemas semióticos ou sistemas semióticos de outras ordens – quando o constructo de uma experiência como significado em um sistema de signos é traduzido para outros sistemas semióticos, como por exemplo, o sistema visual transformado em substância linguística; e (b) dentro do próprio sistema semiótico – quando há uma reconstrução de um construto de significados de uma língua para outra. O conceito que mais chama a atenção em sua teoria é o de agnação (MORINAKA, 2005).

A agnação, outro conceito relevante para a tradução, foi proposta por Matthiessen (2001, p.83), segundo Jesus (2012), na medida em que, além de estabelecer o que é possível e o que é mais ou menos provável na língua, também é necessário descrever as relações existentes entre as várias possibilidades. A palavra “agnação” (*agnation*) e seus derivados agnado ou agnato vêm do latim *agnati* e significa parentesco. O termo foi usado por Gleason (1965) para definir as relações entre sentenças que possuem um vocabulário básico em comum, mas estruturas gramaticais distintas.

O conceito de agnação é importante na teoria sistêmico-funcional e postula que a gramática é um sistema, uma rede de escolhas interligadas que devem ser vistas "de cima" e explicadas em função de suas inter-relações e não apenas de suas estruturas. Inclui ainda a noção de que as diferentes formas de expressar uma mesma unidade semântica não são meras variáveis, como se fossem apenas maneiras

diferentes de se dizer a mesma coisa. Pelo contrário, as diferentes opções acarretam variações semânticas, tomando-as assim, formas agnatas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), conforme relatam Jesus (2012) e Morinaka (2005).

Matthiessen (2001) mostra que o conceito de agnação é importante para a tradução porque dado um item X na língua do original este item possui vários agnatos dentro do potencial do sistema da língua do original. O tradutor pode optar por traduzir o item X ou um dos seus agnatos. Qualquer que seja a opção do tradutor, o item correspondente também possui a sua rede de agnatos no potencial do sistema da língua da tradução, relacionados ao item X e seus agnatos.

Considerando-se o eixo paradigmático e o eixo sintagmático em tomo dos quais a língua se organiza, nota-se que as opções no eixo sintagmático estão em relação estrutural de contraste entre os elementos, ao passo que as opções no eixo paradigmático se baseiam em relações associativas de similitude. Por exemplo, uma oração é composta de elementos estruturais distintos no eixo sintagmático – um sujeito, um predicado, um objeto – mas no eixo paradigmático, pode-se escolher diferentes itens para preencher essas categorias. O conceito de agnação diz respeito às relações associativas no eixo paradigmático.

Matthiessen mostra que um desses agnatos poderia ser um melhor candidato do que aquele que foi realmente escolhido na tradução do texto e complementa: os agnatos constituem-se em *textos sombras* do texto alvo – textos que poderiam ter sido utilizados pelo fato de pertencerem ao potencial da língua – assim, esses textos sombras são também relevantes para a tradução. Justamente por isso, a tradução em si existe mediante esses textos sombras – alternativas possíveis de tradução definidas pelo potencial sistêmico da língua alvo. Dessa forma, a agnação no eixo paradigmático é uma parte crítica para o ambiente da tradução (MATTHIESSEN, 2001).

Para contextualizar a agnação no ambiente tradutório, Matthiessen usa exemplos de um guia em espanhol traduzido para o inglês e o alemão. Ele conclui que a tradução em inglês tem poucas orações Existenciais como no exemplo a seguir:

Exemplo 1. Oração Locativa Existencial

At the top of Blues Point Road **there is** a neat little sandstone church and vicarage, St Peters. (MATTHIESSEN, 2001, p. 82)

Exemplo 2. Oração Não-locativa Existencial

Entry to the park is free during the week, but **there is** a small fee per car at weekends.
(MATTHIESSEN, 2001, p. 82)

Em ambos os exemplos, a expressão *there is* é contextualmente e lexicogramaticalmente agnatas e é usada em orações Existenciais, porém, no exemplo 1, ela é utilizada em um sentido locativo, enquanto, no exemplo 2, ela é não-locativa, portanto, não é semanticamente agnata ao uso do exemplo 1.

O próximo exemplo é agnato ao exemplo 1 no sentido de ser locativo, ou seja, semanticamente agnatos:

Exemplo 3. Oração Locativa Mental

Farther north on the right **can be seen** some of the buildings of the University of California, Los Angeles Campus.
(MATTHIESSEN, 2001, p. 82)

No entanto, as expressões *there is* e *can be seen* não são lexicogramaticalmente agnatas no que diz respeito ao tipo de processo: *there is* é um processo existencial, e *can be seen* é um processo mental.

O conceito de agnação é relevante para a tradução porque qualquer expressão no texto fonte será agnato a inúmeras outras expressões definidas pelo potencial sistêmico da língua fonte, e todos esses agnatos são candidatos da língua fonte possíveis de tradução para a língua alvo, justamente por isso haverá também um conjunto de agnatos candidatos na língua alvo. (MATTHIESSEN, 2001, p. 83)

O conceito de agnação proposto por Matthiessen nos remete ao que Vasconcellos teoriza sobre as escolhas que são colocadas em primeiro plano no texto traduzido mediante o texto fonte. Dependendo dos padrões que são priorizados no texto traduzido, diferenças ou semelhanças sistêmicas podem causar um impacto diferente na leitura de textos. No caso da tradução de literatura, por exemplo, um texto pode revelar percepções diferentes em relação ao perfil Ideacional que é responsável pela construção e representação da narrativa e dos personagens.

4 METODOLOGIA

A metodologia de cunho comparativista examinou os textos colocados, lado a lado, a versão original em português e duas traduções em inglês. As diferenças que aí surgiram foram examinadas à luz de teoria sobre tradução, com apoio da Linguística Sistêmico-Funcional.

4.1 Dados

São examinados dois capítulos – (I) e (VI) – das seguintes versões:

(a) Versão original:

ASSIS, M. *Memórias Póstumas de Brás de Cubas*. In: ASSIS, M. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

Publicado originalmente em folhetins, a partir de março de 1880, na Revista Brasileira.

(b) Versão da primeira tradução em inglês:

ASSIS, M. *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. Nova York: Oxford University Press, 1997.

Tradução de: Gregory Rabassa, com Prefácio de Enylton de Sá Rego e Posfácio de Gilberto Pinheiro Passos.

(c) Versão atual em inglês:

ASSIS, M. *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. Nova York: Penguin, 2020.

Tradução de: Flora Thomson-DeVeaux, com Prefácio de Dave Eggers.

4.1.1 Personagens e resumo da obra

Memórias Póstumas de Brás Cubas, segundo ARAÚJO (2016), é uma das histórias mais lidas no Brasil. Este romance, que é pioneiro do Realismo no país, foi lançado em 1881 e apresenta-se dividido em 160 capítulos, tendo como personagens:

- Brás Cubas - É o “defunto-autor”. Narrador que conta a história - suas

memórias, na verdade - depois de ter falecido.

- Virgília - A amante do protagonista escolheu Lobo Neves para esposo em vez de Brás Cubas. Era filha do Conselheiro Dutra.
- Conselheiro Dutra - Proeminente político e pai de Virgília.
- Lobo Neves - Esposo de Virgília. Tornou-se político.
- Sabina - A irmã de Brás Cubas, casada com Cotrim.
- Cotrim - Esposo de Sabina e tio de Nhã-Loló.
- Nhã-Loló - A sobrinha de Cotrim, pretendente que Sabina arranhou para Brás Cubas. Morreu em consequência da febre amarela quando tinha 19 anos.
- Luís Dutra - Primo de Virgília.
- Dona Plácida - A velha empregada de Virgília. Ela era álibi da relação adúltera de Virgília com Brás Cubas.
- Quincas Borba - Filósofo e amigo de infância de Brás Cubas, cujo nome completo é Joaquim Borba dos Santos. Torna-se um mendigo.
- Marcela - Prostituta e a paixão da juventude de Brás Cubas.
- Eugênia - Filha de D. Eusébia. Manca, foi desprezada por Brás Cubas.
- D. Eusébia - A amiga da rica família de Brás Cubas. Ela era pobre.
- Prudêncio - Foi escravo de Brás Cubas, se tornando depois dono de escravos, a quem agredia.

Brás Cubas, segundo Araújo (2016), chamado de "defunto-autor" é a definição dada a um homem que já morreu e que deseja escrever a sua autobiografia, promove sua narrativa em primeira pessoa. Seu autor é nascido em uma típica família da elite carioca do século XIX e, do túmulo, escreve suas memórias póstumas começando com uma dedicatória: "Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas."

De acordo com Araújo (2016), no capítulo intitulado "Ao Leitor", o estilo de seu livro é detalhado pelo próprio narrador. Já o capítulo subsequente, chamado de "Óbito do Autor", explica seus funerais e em seguida a *causa mortis* – iniciando a narrativa – : uma pneumonia contraída enquanto inventava o "emplastro Brás Cubas", que lhe "garantiria a glória entre os homens", sendo sua última obsessão, dada a panaceia medicamentosa que criou. No Capítulo VII, "O Delírio", explica o que antecedeu ao óbito.

Segundo Castro (2016), no Capítulo IX, "Transição", Brás Cubas começa

revido a própria infância de menino rico, mimado e endiabrado – onde apareciam as propriamente ditas memórias: carregava a alcunha de "menino diabo" desde cedo, dando mostras do seu comportamento perverso, quando montava num dos filhos dos escravos de sua casa – o moleque Prudêncio, ao qual fazia de cavalo –, ou ao quebrar a cabeça das escravas por não ser atendido em algum querer.

Brás Cubas, quando ainda tinha dezessete anos, apaixona-se por uma amiga de rapazes e de dinheiro – uma prostituta de luxo que respondia pelo nome Marcela – num sentimento que quase dizimou a fortuna da família em apenas quinze meses e onze contos de reis.

O protagonista foi encaminhado à Coimbra, lugar onde concluiu o curso de Direito depois de muitos anos de desbravando a boemia, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico. Por conta do falecimento de sua mãe, retorna ao Rio de Janeiro.

Em consequência ao namoro inconsequente com Eugênia (ASSIS, 2008), coxa de nascença e filha de D. Eusébia, uma amiga da família de poucas ou quase nenhuma posse, seu pai tenta demovê-lo à política a partir do casamento e direciona o relacionamento de Brás Cubas com Virgília, cujo pai, o Conselheiro Dutra, o apadrinha com a intenção de tê-lo como seu genro. Entretanto, a moça escolhe casar-se com Lobo Neves, candidato à uma carreira política, assim como Brás. Um conflito entre Sabrina, sua irmã e casada com Cotrim, e ele, em decorrência da herança, surge com a morte do pai deles.

Com o reaparecimento de Virgília, anunciada pelo primo Luís Dutra, Brás Cubas e a moça tornam-se amantes, dando asas à paixão adúltera que não existia quando noivos. Da relação surge uma gravidez, mas o fruto desta relação morre antes de nascer. Em seguida, ele corrompe Dona Plácida para que figure como a moradora de um casebre na Gamboa por cinco contos de réis, lugar este que serviu para ponto de encontro entre os amantes.

Então o encontro do protagonista com Quincas Borba, amigo de infância, continua. O agora miserável lhe rouba o relógio, devolvendo-lhe em seguida. Quincas Borba apresenta ao amigo o Humanismo, filósofo doido que é.

O tempo passa e Brás Cubas torna-se deputado, perseguindo a celebridade ou até correndo atrás de uma vida menos tediosa, enquanto Lobo Neves é nomeado presidente de uma província e parte com Virgília para o Norte, terminando de uma vez por todas a relação dos amantes.

Nhã-Loló, (CASTRO, 2016), sobrinha de Cotrim, de 19 anos, torna-se noiva de

Brás Cubas a partir de um arranjo feito por Sabina, mas ela morre de febre amarela e ele definitivamente se transforma num solteirão. Tentativas fracassadas de ser ministro de estado e de fundar um jornal de oposição são ações de Brás. Em seguida, Quincas Borba dá os primeiros sinais de demência.

De acordo com Pena (2017), Virgília, já idosa e desprovida de uma beleza já tida, solicita a ele o amparo à indigência de Dona Plácida, que morre em seguida. Sucessivamente perdem a vida, também, Lobo Neves, Marcela e Quincas Borba. Eugênia é descoberta num cortiço. A derradeira tentativa de glória é fazer uso do remédio que usado para curar todas as doenças, o "emplasto Brás Cubas". Como ironia do destino, é acometida por uma pneumonia depois de uma das idas à rua com o intuito de acompanhar o seu projeto, perdendo a vida aos 64 anos.

Acompanhada de seu filho, Virgília faz uma visita a Brás Cubas (ASSIS, 2008), encontrando-o acamado e morrendo após longo delírio, assistido pelos familiares. Após sua morte descreve, de trás para frente, sua biografia.

4.2 Procedimentos de Análise

A pesquisa busca responder às seguintes perguntas: (a) como são articulados os significados ideacionais, interpessoais e textuais nas duas versões traduzidas de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para a língua inglesa?; e (b) quais são as consequências dessas modificações para o significado macrotextual das versões e para a caracterização do estilo dos tradutores?

A análise baseou-se na comparação do texto original em português com as duas versões em língua inglesa. Tendo como base de escopo o título da obra, a escolha dos capítulos I e VI ocorreu porque ambos se referem diretamente ao tema “morte” do personagem principal do livro.

Sobre o capítulo I, procedeu-se da seguinte forma:

- (a) Inicialmente, foram colocados em três colunas, lado a lado o primeiro capítulo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* da versão original e as traduções inglesas de Rabassa e de Thomson-DeVeaux.
- (b) Foram assinalados os trechos que diferenciam as três versões, adotando-se a

sinalização em vermelho para assinalar as referidas diferenças e em azul para acréscimo de termo.

- (c) A seguir, em quadro separado por linhas, foram colocadas as referidas diferenças.
- (d) Por fim, seguiu-se a **Análise**, com a explicação do motivo das diferenças.

A análise do capítulo **VI**, visou a verificar diferenças entre as duas traduções, deixando o original de lado na análise, mas continuando a mantê-lo na 1^a. coluna. E procedeu-se da seguinte forma:

- (a) Novamente, foram colocados em três colunas, lado a lado o primeiro capítulo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* da versão original e as traduções inglesas de Rabassa e de Thomson-DeVeaux.
- (b) Foram assinalados os trechos que diferenciam as duas versões, adotando-se alternadamente a sinalização em vermelho e azul marinho para facilitar o acompanhamento. Foi mantido o azul para assinalar acréscimo de termo.
- (c) Em quadros a seguir, foram colocados os trechos do texto que diferenciam as traduções de Rabassa e de Thomson-DeVeaux,

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise assinala as diferenças que ocorrem entre a versão original em português e as traduções em inglês, fazendo as seguintes notações, já explicadas nos Procedimentos de Análise, que aqui repetimos para facilitar o acompanhamento.

Iniciamos a comparação, colocando lado a lado a versão original em português e as versões traduzidas para o inglês por Gregory Rabassa (1997) e por Flora Thomson-DeVeaux (2020). Com apoio de teorias da tradução (determinismo linguístico e tipologia linguística) e da Linguística Sistemico-Funcional, foram feitas explicações sobre as diferenças que as distinguem.

5.1 Análise das diferenças entre a versão original e as traduções de Rabassa e de Thomson-DeVeaux (Capítulo 1)

Quadro 13 – Diferenças entre a versão original e as traduções de Rabassa e de Thomson-DeVeaux (Capítulo 1)

Memórias Póstumas de Brás Cubas	<i>The Posthumous memoirs of Brás Cubas</i>	<i>The Posthumous memoirs of Brás Cubas</i>
Machado de Assis (1880)	Gregory Rabassa (1997)	Thomson-DeVeaux (2020)
Cap. 1 - Óbito do Autor	Chapter 1 - The Author's Demise	Chapter 1 - The Demise of the Author

*

<p>Algun tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte.</p>	<p>For some time I debated over whether I should start these memoirs at the beginning or at the end, that is, whether I should put my birth or my death in first place.</p>	<p>I debated for a time as to whether I ought to open these memoirs at the beginning or at the end – that is, if I would start out with my birth or with my death.</p>
--	---	--

*

algum tempo	for sometime	for a time
devia abrir	should start	ought to open
poria em primeiro lugar	should put...in first place	would start out

Análise: As diferenças nas traduções não mudam muito o significado do original, mas a tradução de Rabassa segue mais de perto o original do que a de Thompson-DeVeaux. Em termos da metafunção interpessoal, segundo a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), “should” e “ought to” são modulações de obrigação, tendo a segunda uma graduação de força maior do que a primeira.

<p>Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.</p>	<p>Since common usage would call for beginning with birth, two considerations led me to adopt a different method: the first is that I am not exactly a writer who is dead but a dead man who is a writer, for whom the grave was a second cradle; the second is that the writing would be more distinctive and novel in that way.</p>	<p>Granting that the common practice may be to begin with one's birth, two considerations led me to adopt a different method: the first is that I am not exactly an author recently deceased, but a deceased man recently an author, for whom the tomb was another cradle; the second is that this would make the writing wittier and more novel.</p>
--	--	--

*

Suposto (particípio)	Since (advérbio)	Granting (gerúndio)
defunto	who is dead	recently deceased
campa	grave	tomb
outro	second	another

galante	distinctive	wittier
---------	-------------	---------

Análise: “Suposto” é traduzido por “since” e “granting”, ou seja, o particípio é traduzido por advérbio e por gerúndio, respectivamente, embora o sentido do texto não seja prejudicado; já o advérbio “recently” acrescenta um detalhe na tradução de Thompson-DeVeaux, o que não acontece nas duas outras versões.

Por outro lado, o efeito estilístico de “um autor defunto mas um defunto autor”, do original, que mostra o talento literário de Machado de Assis, não pode ser repetido na tradução. Assim, embora a tradução respeite semanticamente o original, em termos pragmáticos não consegue esse efeito.

Finalmente, a tradução para “galante” está mais próxima de “wittier” do que de “distinctive”, todos epítetos ostentando avaliatividade de julgamento positivo.

Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito , mas no cabo : diferença radical entre este livro e o Pentateuco.	Moses, who also wrote about his death, didn't place it at the opening but at the close : a radical difference between this book and the Pentateuch.	Moses, who also recounted his own death, did not put it at the commencement but at the finish : a radical difference between this book and the Pentateuch.
---	---	--

*

introito	opening	commencement
cabo	close	finish

Análise: A tradução de Rabassa, ao menos para os falantes de português, parece ser mais comum do que “commencement” de Thompson-DeVeaux, de influência francesa.

<p>Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos.</p>	<p>With that said, I expired at two o'clock on a Friday afternoon in the month of August 1869, at my beautiful suburban place in Catumbi. I was sixty-four intense and prosperous years old, I was a bachelor, I had wealth of around three hundred contos, and I was accompanied to the cemetery by eleven friends.</p>	<p>That being said, I expired at two o'clock in the afternoon on a Friday in the month of August, 1869, at my handsome country home in Catumbi. I had seen some sixty-four robust and prosperous years, I was a bachelor, I had around three hundred thousand milréis to my name, and I was accompanied to the cemetery by eleven friends.</p>
---	--	--

*

bela chácara	beautiful suburban place	handsome country home
possuía	I had wealth	to my name
contos	contos	milréis

Análise: “I had wealth” e “to my name” traduções distantes de “possuía”, além das outras diferenças entre as duas traduções, mostra o fato citado por Ottoni (1997) de que o tradutor é também um leitor, que dialoga com o texto, trazendo diferenças que denunciam sua formação, seus padrões éticos e estéticos nesse contato.

Observa-se também que “chácara” é um dos casos de determinismo linguístico no que se refere à diferença lexical, já que o termo designa elemento desconhecido na cultura anglo-saxônica, com as características que o definem.

Milréis equivaliam ao valor monetário de um conto, portanto, não caracterizaria uma diferença para quem conhece esses valores.

<p>Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferi à beira de minha cova:</p>	<p>Eleven friends! The fact is, there hadn't been any cards or announcements. On top of that it was raining—drizzling—a thin, sad, constant rain, so constant and so sad that it led one of those last-minute faithful friends to insert this ingenious idea into the speech he was making at the edge of my grave:</p>	<p>Eleven! True, there had been neither letter nor announcements. What's more, it was raining – drizzling – a fine, doleful, steady patter, so steady and so doleful that it led one of those faithful at the last to insert this inspired idea into the speech that he delivered at the edge of my grave:</p>
---	---	--

*

não houve	hadn't been any	had been neither
acresce	on top of that	what's more
peneirava	drizzling	drizzling
miúda, triste e constante	thin, sad, constant	doleful, steady patter
última hora	last minute	last

Análise: Em termos paradigmáticos, segundo Halliday et al (1974), as escolhas lexicogramaticais têm uma série de equivalentes potenciais em uma escala de probabilidades. Assim, pode-se ver que os itens do original têm um grupo de equivalentes em potencial (HALLIDAY et al, 1992) na língua da tradução. É o que mostram as traduções de Rabassa e Thompson-DeVeaux, com exceção para “drizzling”.

“Acresce” está no lugar de Tema da oração, o que não acontece nas traduções, devido à tipologia linguística da língua inglesa que não inicia orações sem sujeito.

"Vós, que o conhecestes, meus senhores vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade.	"You who knew him, gentlemen, can say with me that nature appears to be weeping over the irreparable loss of one of the finest characters humanity has been honored with.	You who knew him, gentlemen, you may join me in saying that nature herself seems to be weeping for irreparable loss of one of the finest figures to have ever honored humanity.
---	---	--

*

comigo	with me	join me
caracteres	characters	figures

Análise: Eis mais um exemplo, em que Rabassa se mantém fiel ao original.

Este ar sombrio , estas gotas do céu , aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo , tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas ; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado."	This somber air , these drops from heaven , those dark clouds that cover the blue like funeral crepe , all of it is the cruel and terrible grief that gnaws at nature and at my deepest insides ; all that is sublime praise for our illustrious deceased."	This gloom , these drops from on high , those dark clouds veiling the blue like a mourning band , all this is the raw, wicked pain tearing nature to the quick ; all this is sublime paeon to our illustrious deceased.
---	--	---

*

ar sombrio	somber air	gloom
céu	heaven	high

cobrem	cover	veiling
crepe funéreo	funeral crepe	mourning band
dor crua e má	cruel and terrible grief	raw, wicked pain
rói	gnaws	tearing
mais íntimas entranhas	my deepest insides	

Análise: As traduções de Rabassa são mais próximas ao original do que as de Thompson-DeVeaux, que conseqüentemente, diferem das de Rabassa. Essa variação demonstra a noção de equivalência, nos termos de House (2001), para quem a tradução é uma produção textual que apresenta um vínculo duplo. Por um lado, tem relações com o texto original e, por outro, com o potencial comunicativo da comunidade receptora, fato que privilegia a tradução de Rabassa.

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o undiscovered country de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo.	Good and faithful friend! No, I don't regret the twenty bonds I left you. And that was how I reached the closure of my days. That was how I set out for Hamlet's undiscovered country without the anxieties or doubts of the young prince, but, rather, slow and lumbering , like someone leaving the spectacle late.	Good, faithful friend! No, I don't regret the twenty bonds I left him. And it was thus that I came to the close of my days; it was thus that I set off for Hamlet's undiscovered country, without the young prince's anguish or doubts, but slowly and falteringly , like one leaving the stage for too late.
--	--	---

*

assim	How	thus
dúvidas	doubts	anguish
pausado e trôpego	slow and lumbering	slowly and falteringly
		too

Análise: Em termos da metafunção ideacional: “dúvidas”, “doubts” e “anguish” são nomes, mas “anguish” recebe avaliatividade de afeto com força maior e mostra o caráter interpretativo da tradução moderna, que acolhe mais o criador do que o protetor (ARROJO, 1993).

<p>Tarde e aborrecido. Viram- me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhora; minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, a filha, um lírio do vale,-e...Tenham paciência! Daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora.</p>	<p>Late and bored. Some nine or ten people had seen me leave, among them three ladies: my sister Sabina, married to Cotrim—their daughter, a lily of the valley, — and ... Be patient! In just a little while I'll tell you who the third lady was.</p>	<p>Late and weary. Some nine or ten people saw me go, among them three ladies: my sister Sabina, married to Cotrim; her daughter, a fair lily of the valley; and... – A little patience, please! I'll soon tell you who the third lady was</p>
---	---	---

*

viram	had seen	saw
tenham paciência	be patient	a little patience
daqui a pouco	just a little while	soon

Análise: A língua portuguesa distingue, na linha do tempo, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito, o que não acontece no inglês, que conta com o “present perfect”, que, em alguns aspectos se assemelha com aqueles tempos verbais.

No texto, “viram” pode tanto ser a forma do pretérito perfeito, quanto do pretérito mais que perfeito. Daí “viram” ser traduzido pelo past perfect “had seen” (tinham visto) seria em português a forma do pretérito imperfeito composto e também pelo simple past “saw” (viu), o pretérito perfeito.

A tipologia das línguas trata desse tipo de questão. A linha do tempo é abstrata. Daí o fato de as diversas línguas recortarem-na – cada qual expressando necessidades

da cultura em que vivem.

<p>Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade padeceu mais. Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa.</p> <p>Nem o meu óbito era coisa altamente dramática...</p>	<p>Be content with knowing that the unnamed one, even though not a relative, suffered more than the relatives did. It's true. She suffered more. I'm not saying that she wailed, I'm not saying that she rolled on the ground in convul-sions, nor that my passing was a highly dramatic thing...</p>	<p>Content yourselves for the moment with the knowledge that this anonymous woman, though no relation of mine, suffered more than those who were. It's true, she suffered more. I won't say that she tore her hair with grief or that she rolled across the floor in convulsions. Nor, for that matter, was there anything terribly dramatic about my death...</p>
--	--	---

*

contentem-se	(you) be content	content yourselves
anônima	unnamed	anonymous
parenta	relative	relation of mine
carpisse	wailed	tore her hair
óbito	passing	death
nem o meu óbito era coisa altamente dramática...	nor that my passing was a highly dramatic thing...	nor, for that matter, was there anything terribly dramatic about my death...

Análise: “Contentem-se” é traduzido por “be content”, forma imperativa que ocultou o pronome “you”, o que não acontece com “yourselves”, de Thomson-DeVeaux. Nota-se que “se”, terceira pessoa, é traduzido por pronomes de segunda pessoa.

As demais diferenças mostram, segundo Matthiessen (2004), que qualquer que seja a opção do tradutor, o item escolhido (por exemplo “unnamed”) possui a sua rede de agnatos (podendo um deles ser “anonymous”) no potencial do sistema da língua da tradução, relacionados com item do original e seus agnatos.

<p>Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E, dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.</p>	<p>An old bachelor who expires at the age of sixty-four doesn't seem to gather up all the elements of a tragedy in himself. And even if that were the case, what least suited that unnamed lady was to show such feelings. Standing by the head of the bed, her eyes cloudy, her mouth half open, the sad lady had a hard time believing my extinction.</p>	<p>A bachelor breathing his last at age sixty-four is hardly the classic tragedy. And even if it were, the least appropriate thing for this anonymous woman to do would have been reveal her sentiments. Standing beside my bed, her eyes glassy, mouth half-open, this pitiful lady could barely credit my extinction.</p>
---	---	--

*

expira	expires	breathing
não parece	doesn't seem	is hardly
reúna em si todos os elementos de uma tragédia	to gather up all the elements of a tragedy in himself	the classic tragedy
e dado que sim	and even if that were the case,	and even if it were
o que menos convinha	what least suited	the least appropriate thing
era	was	would have been
era aparentá-lo	to show such feelings	reveal her sentiments
estúpidos	cloudy	glassy
mal podia	a hard time	barely credit

Análise: As diferenças que ocorrem entre as traduções, com especial atenção para “to gather []” e “the classic tragedy” são exemplos cada vez mais claros na presente análise do que diz Nida (apud RUBEL; ROSMAN,2003): de que não existem línguas idênticas.

<p>"Morto! Morto!" dizia consigo.</p> <p>E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o vôo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, — a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil...</p>	<p>"Dead! Dead!" she kept saying to herself.</p> <p>And her imagination, like the storks that an illustrious traveler watched taking flight from the Ilissus on their way to African shores without the hindrance of ruins and times—that lady's imagination also flew over the present rubble to the shores of a youthful Africa ...</p>	<p>“Dead! dead!” she repeated to herself.</p> <p>And her imagination, like the storks that an illustrious traveler once saw take flight from the Ilissos, bound for the shores of Africa, heedless of the ruins and the ages — the lady’s imagination also soared over the wreckage of the present to the shores of a youthful Africa...</p>
---	--	--

*

dizia	kept saying	repeated
sem embargo	without the hindrance	heedless
tempos	times	ages
voou	flew over	soared over
destroços	rubble	wreckage

Análise: Surge aqui mais um exemplo tratado pela tipologia das línguas bem como pelo determinismo linguístico lexical.

A forma do pretérito imperfeito do indicativo (no caso: “dizia”) não existe como tal em

inglês. Assim, é traduzido por “kept saying”, com “kept” expressando o que o morfema “-ia”, de “dizia”, significa em português. Também nesse esforço de traduzir o referido morfema, entra em cena a palavra “repeated”.

<p>Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando e me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro.</p>	<p>Let it go. We'll get there later on. We'll go there when I get my early years back. Now I want to die peacefully, methodically, listening to the ladies sobbing, the men talking softly, the rain drumming on the caladium leaves of my suburban home, and the strident sound of a knife a grinder is sharpening outside by a harness-maker's door.</p>	<p>Let her go; we shall go later; we shall go when I restored myself to those early years. For now I want to die peacefully, methodically, hearing the sobbing of the ladies, the low murmuring of the men, the rain drumming on the caladium leaves in the garden, and the piercing sound of a razor being sharpened by a knife grinder, out by the door to a currier's shop.</p>
---	--	---

*

restituir	get back	restored
falas baixas	talking softly	low murmuring
chácara	suburban home	garden
estrídulo	strident	piercing
correeiro	harness-maker	currier

Análise: Matthiessen (2001) propõe o conceito de agnação, pelo qual um item X na língua original possui vários agnatos dentro do potencial do sistema do original. Qualquer que seja a opção do tradutor, o item correspondente também possui a sua

rede de agnatos no potencial do sistema da língua da tradução, relacionados ao item X e seus agnatos. Daí a diversidade de traduções que o trecho analisado oferece.

<p>Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra e lodo, e coisa nenhuma.</p>	<p>I swear to you that the orchestra of death was not at all as sad as it might have seemed. From a certain point on it even got to be delightful. Life was thrashing about in my chest with the surging of an ocean wave. My consciousness was evaporating. I was descending into physical and moral immobility and my body was turning into a plant, a stone, mud, nothing at all.</p>	<p>I swear to you all that this orchestra of death was much less sorrowful than it might seem. After a point, it became positively delightful. Life floundered in my chest like the surging of an ocean swell, my consciousness melted away, I was drifting down into physical and moral immobility, my body becoming a plant, a stone, loam, nothing at all.</p>
--	---	--

*

muito menos triste	not at all as sad	much less sorrowful
deliciosa.	delightful.	positively delightful
estrebuchava-me	was thrashing	floundered
esvaía-se-me	was evaporating.	melted away
descia	was descending	was drifting down
fazia-se-me	was turning into	becoming
lodo	mud	loan

Análise: Neste parágrafo, notam-se no eixo sintagmático as construções “esvaía-se-me” e “fazia-se-me”, que emprestam ao texto a arte criativa de Machado de expressar a lenta e sutil transformação da vida em direção à morte. O tradutor é criativo (ARROJO, 1993), mas não se iguala a um escritor como Machado.

<p>Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.</p>	<p>I died of pneumonia, yet if I tell my reader that it wasn't so much the pneumonia that caused my death but a magnificent and useful idea he might not believe me and, nevertheless, it's the truth. Let me explain briefly. You can judge for yourself.</p>	<p>I died of pneumonia; if I should say that it was less pneumonia than a grand and useful idea that caused my death, my reader may not believe me, and yet this is the truth. I will lay out the case for you in brief. Judge for yourself.</p>
---	---	--

*

lhe disser	if I tell my reader	I should say
foi menos a pneumonia, do que	it wasn't so much the pneumonia	it was less pneumonia
grandiosa	magnificent	grand
Vou expor-lhe sumariamente	Let me explain briefly.	I will lay out

Análise: Em “**lhe disser**”, o original dialoga com o leitor por meio do pronome pessoal, o que acontece com um substantivo “**reader**” na tradução de Rabassa. Essa identificação não acontece na tradução da Thomson-DeVeaux. Em “**vou expor-lhe sumariamente**”, o original continua o diálogo com “**lhe**”, que, em termos da metafunção interpessoal (LSF), faz a interação entre escritor e leitor, o que não acontece nas traduções.

5.2 Discussão Geral dos Resultados

As diferenças nas traduções não mudam muito o significado do original. Assim, por exemplo, as traduções por “**should**” e “**ought to**” para “**devia**” apenas acrescer uma

graduação de força maior do que a primeira. Mas, em termos gerais, a tradução de Rabassa segue mais de perto o original do que a de Thomson-DeVeaux. Ao menos para os falantes de português, a tradução de Rabassa, parece ser, mesmo considerando a língua inglesa, mais comum do que o “commencement”, de Thompson-DeVeaux (para “introito” do original e “opening” de Rabassa).

Por outro lado, o efeito estilístico de “um autor defunto mas um defunto autor”, do original, que mostra o talento literário de Machado de Assis, não pode ser repetido na tradução. Assim também, o *flavour* do português do século XIX, que confere autenticidade ao romance, plena referência a costumes exigidos na época, não foi possível ser agregado às traduções.

Por sua vez, o tradutor dialoga com o texto, na qualidade de leitor que é, trazendo diferenças que denunciam sua formação, seus padrões éticos e estéticos nesse contato. Além disso, submete-se à tipologia de sua língua em confronto com a língua do original, como é o caso de “chácara”, cujas traduções “*suburban place*” e “*country home*” não se adequam exatamente ao que o brasileiro entende por “chácara”.

O tradutor enfrenta também o fato de que as escolhas lexicogramaticais feitas pelo autor do original e pelo tradutor têm uma série de equivalentes potenciais em uma escala de probabilidades, o que mostra a dificuldade, ou mesmo, a impossibilidade de duas traduções iguais.

5.3 Análise das diferenças entre a versão original e as traduções de Rabassa e de Thomson-DeVeaux (Capítulo 6)

Conforme já foi referido nos Procedimentos de Análise, serão confrontadas as traduções em inglês, de Rabassa e de Thomson-DeVeaux, do capítulo VI.

Quadro 14 – Diferenças entre a versão original e as traduções de Rabassa e de Thomson-DeVeaux (Capítulo 6)

Memórias Póstumas de Brás Cubas	<i>The Posthumous memoirs of Brás Cubas</i>	<i>The Posthumous memoirs of Brás Cubas</i>
Machado de Assis (1880)	Gregory Rabassa (1997)	Thomson-DeVeaux (2020)
CAPÍTULO VI	CHAPTER VI	CHAPTER VI
CHIMÈNE, QUI L'EÛT DIT? RODRIGUE, QUI L'EÛT CRU?	Chimène, Qui L'eut Dit? <i>Rodrigue</i> , Qui L'eut Cru?	<i>CHIMÈNE, QUI L'EÛT DIT?</i> <i>RODRIGUE, QUI L'EÛT CRU?</i>

*

<p>Vejo-a assomar à porta da alcova, pálida, comovida, trajada de preto, e ali ficar durante um minuto, sem ânimo de entrar, ou detida pela presença de um homem que estava comigo.</p>	<p>I see her appear in the door of my bedroom—pale, upset, dressed in black—and remain there for a minute without the courage to come in, or held back by the presence of the man who was with me.</p>	<p>I see appear at my bedroom door, pale, shaken, all in black, and pause there for a minute, without the heart to enter, or stayed there by the presence of a man who was with me.</p>
<p>Da cama, onde jazia, contemplei-a durante esse tempo, esquecido de lhe dizer nada ou de fazer nenhum gesto.</p> <p>Havia já dois anos que nos não víamos, e eu via-a agora não qual era, mas qual fora, quais fôramos ambos, porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis.</p> <p>Recuou o sol, sacudi todas as misérias, e este punhado</p>	<p>From the bed where I was lying I contemplated her all that time, neglecting to say anything to her or make any gesture.</p> <p>We hadn't seen each other for two years and I saw her now not as she was but as she had been, as we both had been, because some mysterious Hezekiah had made the sun turn back to the days of our youth.</p>	<p>From the bed where I lay, I contemplated her for that span of time, forgetting that I said nothing, nor made any sign to her.</p> <p>It had been two years since we had seen each other last, and I saw her now not as she was but as she had been, as we both had been, for some mysterious Hezekiah had turned back the sun to our youthful days.</p>

<p>de pó, que a morte ia espalhar na eternidade do nada, pôde mais do que o tempo, que é o ministro da morte. Nenhuma água de Juventa igualaria ali a simples saudade.</p>	<p>The sun turned back, I shook off all my miseries, and this handful of dust that death was about to scatter into the eternity of nothingness was stronger than time, who is the minister of death. No water from luventus could match simple nostalgia in that.</p>	<p>The sun turned back, I school of my miseries, and this handful of dust, which death was ready to scatter to the eternity of nothingness, triumphed over time, which is the minister of death. Here, no Hebe's cup could rival simple nostalgia.</p>
--	---	---

*

<p>Creiam-me, o menos mau é recordar; ninguém se fie da felicidade presente; há nela uma gota da baba de Caim.</p> <p>Corrido o tempo e cessado o espasmo, então sim, então talvez se pode gozar deveras, porque entre uma e outra dessas duas ilusões, melhor é a que se goza sem doer.</p> <p>Não durou muito a evocação; a realidade dominou logo; o presente expeliu o passado.</p> <p>Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro,</p>	<p>Believe me, remembering is the least evil. No one should trust pre-sent happiness, there's a drop of Cain's drivel in it.</p> <p>With the passing of time and the end of rapture, then, yes, then perhaps it's possible really to enjoy, because between these two illusions the better one is the one that's enjoyed without pain.</p> <p>The evocation didn't last long. Reality took over immediately. The present expelled the past.</p> <p>Perhaps I'll explain to the reader in some corner of this</p>	<p>Believe me, remembrance is the lesser evil; let none place their faith in present happiness; there's a bitter drop of Cain's drool in it.</p> <p>Once time has worn on and the rapture has ceased, then, perhaps only then, my one truly take pleasure in what has passed; when given a choice between two illusions, the better is that which may be enjoyed without pain.</p> <p>The vision didn't last long; reality soon asserted itself; the present cast out the past.</p> <p>Perhaps I'll expound to the reader, in some corner of this</p>
--	---	---

<p>a minha teoria das edições humanas.</p> <p>O que por agora importa saber é que Virgília — chamava-se Virgília — entrou na alcova, firme, com a gravidade que lhe davam as roupas e os anos, e veio até o meu leito.</p> <p>O estranho levantou-se e saiu. Era um sujeito, que me visitava todos os dias para falar do câmbio, da colonização e da necessidade de desenvolver a viação férrea; nada mais interessante para um moribundo.</p>	<p>book my theory of human editions.</p> <p>What matters now is that Virgilia—her name was Virgilia—entered the room with a firm step, with the gravity that her clothes and the years gave her, and came over to my bed.</p> <p>The outsider got up and left. He was a fellow who would visit me every day and talk about exchange rates, colonization, and the need for developing railroads, nothing of greater interest to a dying man.</p>	<p>book, my theory of human editions.</p> <p>What should be imported now is that Virgília – her name was Virgília – entered the bedroom, steadfast, with the gravity lent her by her clothes and her years, and came over to my bed.</p> <p>The stranger got up and left. He was a fellow who visited me every day to speak about rates of exchange, colonization, and the need to develop the railways: nothing more enthralling for a dying man.</p>
--	---	--

*

<p>Saiu; Virgília deixou-se estar de pé; durante algum tempo ficamos a olhar um para o outro, sem articular palavra. Quem diria?</p> <p>De dois grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dois corações</p>	<p>He left. Virgilia stood there. For some time we remained looking at each other without uttering a word. What was there to say?</p> <p>Of two great lovers, two great passions, there was nothing left twenty years later. There were only two withered hearts devastated by life and glutted</p>	<p>He left; Virgília stood there, for some time we gazed at each other without uttering a word. Whoever would have thought it?</p> <p>Two great lovers, two unbridled passions, and nothing was left twenty years later; only two withered hearts, devastated by life and</p>
--	---	---

<p>murchos, devastados pela vida e saciados dela, não sei se em igual dose, mas enfim saciados.</p> <p>Virgília tinha agora a beleza da velhice, um ar austero e maternal; estava menos magra do que quando a vi, pela última vez, numa festa de São João, na Tijuca; e porque era das que resistem muito, só agora começavam os cabelos escuros a intercalar-se com alguns fios de prata.</p>	<p>with it; I don't know whether in equal doses, but gluttoned nonethe-less.</p> <p>Virgilia now had the beauty of age, an austere, maternal look. She was less thin than when I saw here the last time at a Saint John's festival in Tijuca and, as she was someone who had a great deal of resistance, only now were a few silver threads beginning to mingle with her dark hair.</p>	<p>sated of it, whether in equal measure I can't say, but sated all the same.</p> <p>Virgília now possessed the beauty of old age, an austere and maternal air; she was less slender than when I had seen her last, in Tijuca, at a celebration for the feast of St. John; and because she was one of those who hold out to the last, her dark hair was only just beginning to yield to a few silver strands.</p>
--	--	--

*

<p>— Anda visitando os defuntos? disse-lhe eu. — Ora, defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo.</p> <p>E depois de me apertar as mãos:</p> <p>— Ando a ver se ponho os vadios para a rua.</p> <p>Não tinha a carícia lacrimosa de outro tempo; mas a voz era amiga e doce. Sentou-se. Eu estava só, em casa, com um simples enfermeiro;</p>	<p>"Are you making the rounds visiting dying men?" I asked her. "Come now, dying men!" Virgilia answered with a pout.</p> <p>And then, after squeezing my hands, "I'm making the rounds to see if I can get lazy loafers back out onto the street."</p> <p>It didn't have the teary caress of other times, but her voice was friendly and sweet. She sat down. I was alone in the house except for a male</p>	<p>"Visiting dead men, are you?" I said to her. "Dead men, come now!" replied Virgília with a tut.</p> <p>And then, after fiving my hands a squeeze: "I', putting slugabeds out on the street."</p> <p>The tearful caresses of yesteryears were gone, but her voice was friendly and sweet. She sat down. I was alone, at home, with only a</p>
---	--	---

<p>podíamos falar um ao outro, sem perigo.</p> <p>Virgília deu-me longas notícias de fora, narrando-as com graça, com um certo travo de má língua, que era o sal da palestra; eu, prestes a deixar o mundo, sentia um prazer satânico em mofar dele, em persuadir-me que não deixava nada.</p>	<p>nurse. We could talk to each other without any danger.</p> <p>Virgilia gave me lots of news from the world outside, narrating it with humor, with a certain touch of a wicked tongue, which was the salt of her talk. I, ready to leave the world, felt a satanic pleasure in making fun of it all, in persuading myself that I wasn't leaving anything worthwhile.</p>	<p>sick nurse; we could speak to each other without danger.</p> <p>Virgilia gave me a drawn-out report of the latest goings-on, narrating them charmingly and seasoning them with a tart dash of gossip; I, on the verge of leaving the world, felt a devilish pleasure in jeering at it, persuading myself that I left nothing behind.</p>
--	--	---

*

<p>— Que idéias essas! interrompeu-me Virgília um tanto zangada. Olhe que não volto mais.</p> <p>Morrer! Todos nós havemos de morrer; basta estarmos vivos. E vendo o relógio:</p> <p>— Jesus! são três horas. Vou-me embora. — Já? — Já; virei amanhã ou depois.</p> <p>— Não sei se faz bem, retorqui; o doente é um solteirão e a casa não tem senhoras...— Sua mana? — Há de vir cá passar uns dias,</p>	<p>"What kind of ideas are those?" Virgilia interrupted me, a little annoyed. "Look, I'm not going to come back. Dying! We all have to die. It's enough just being alive." And looking at the clock:</p> <p>"Good heavens! It's three o'clock. I've got to go." "So soon?" "Yes. I'll come back tomorrow or sometime later. "I don't know if you're doing the proper thing," I replied. "The patient is an old bachelor and the house has</p>	<p>"What ideas you've got in your head!" Virgília interrupted, rather put out. "I won't come back at this rate. Die! All of us must die; that's what comes of being alive." And, looking at the clock:</p> <p>"Goodness! It's three. I must go." "So soon?" "Yes, I'll come by tomorrow or after. "That may not be wise," I retorted. "The invalid is a bachelor, and there are no ladies living in the house..." "What about your sister?"</p>
---	---	--

<p>mas não pode ser antes de sábado.</p>	<p>no women in it..." "What about your sister?" "She's going to come and spend a few days here, but she can't get here until Saturday."</p>	<p>"She'll come by to spend a few days, but not before Saturday."</p>
---	---	---

*

<p>Virgília refletiu um instante, levantou os ombros e disse com gravidade: — Estou velha! Ninguém mais repara em mim. Mas, para cortar dúvidas, virei com o Nhonhõ.</p> <p>Nhonhõ era um bacharel, único filho de seu casamento, que, na idade de cinco anos, fora cúmplice inconsciente de nossos amores.</p> <p>Vieram juntos, dois dias depois, e confesso que, ao vê-los ali, na minha alcova, fui tomado de um acanhamento que nem me permitiu corresponder logo às palavras afáveis do rapaz. Virgília adivinhou-me e disse ao filho:</p>	<p>Virgilia thought for a moment, straightened up, and said gravely: "I'm an old woman! Nobody pays any attention to me anymore. But just to put an end to any doubts I'll come with Nhonho,"</p> <p>Nhonho was a lawyer, the only child from her marriage, who at the age of five had been the unwitting; accomplice in our love affair.</p> <p>They came together two days later and I must confess that when I saw them there in my bedroom I was taken by a reticence that prevented me from replying immediately to the lad's affable words, Virgilia sensed this and told her son:</p>	<p>Virgília reflected for a moment, shrugged, and said gravely: "I've grown old! No one takes any notice of me anymore. But to leave no room for suspicion, I'll come with Nhonhõ."</p> <p>Nhonhõ was a university graduate, the only child of her marriage, who, at the age of five, had been an unconscious accomplice to our love affair.</p> <p>They came together two days later, and I must confess that upon seeing them there in my bedroom, I was taken by a bashfulness that kept me from immediately repaying the young the young man's kind words. Virgília guessed me out and said to her son:</p>
---	---	--

*

<p>— Nhonhê, não repares nesse grande manhoso que aí está; não quer falar para fazer crer que está à morte. Sorriu o filho, eu creio que também sorri, e tudo acabou em pura galhofa.</p> <p>Virgília estava serena e risonha, tinha o aspecto das vidas imaculadas. Nenhum olhar suspeito, nenhum gesto que pudesse denunciar nada; uma igualdade de palavra e de espírito, uma dominação sobre si mesma, que pareciam e talvez fossem raras.</p>	<p>"Nhonho, don't pay any attention to that big trickster there. He doesn't want to talk so he can make you think that he's at death's door.' Her son smiled. I think I smiled, too, and everything ended up as a big joke.</p> <p>Virgilia was serene and smiling. She had the look of immaculate life. No suspect look, no gesture that might have given anything away, a balance in word and spirit, control over herself, all of which seemed—and perhaps was — strange.</p>	<p>"Nhonhê, pay no mind to this sly old fox here; he's not talking so he can make you believe he's at death's door." Her son smiled. I believe I smiled as well, and it all ended in pure fun.</p> <p>Virgília was calm and cheerful, with the air of one who had led an immaculate life. No suspicious gaze, no gesture that might betray a thing; she displayed an equanimity of word and spirit and a mastery of herself that struck me as unusual, and perhaps were.</p>
---	--	--

*

<p>Como tocássemos, casualmente, nuns amores ilegítimos, meio secretos, meio divulgados, vi-a falar com desdém e um pouco de indignação da mulher de que se tratava, aliás sua amiga.</p>	<p>As by chance we touched upon an illicit love affair, half-secret, half-known, I saw her speak a disdainful word and a bit indignantly about the woman involved, a friend of hers besides.</p>	<p>When we touched, innocently enough, on the subject of an illicit love affair that was somewhere between secret and public. I saw her speak with disdain and a bit of indignation of the woman in question, who</p>
--	---	--

<p>O filho sentia-se satisfeito, ouvindo aquela palavra digna e forte, e eu perguntava a mim mesmo o que diriam de nós os gaviões, se Buffon tivesse nascido gavião...</p> <p>Era o meu delírio que começava.</p>	<p>Her son. felt satisfied when he heard that strong and fitting word and I asked myself what the hawks might have said about us humans if Buffon had been born a hawk...</p> <p>It was the start of my delirium.</p>	<p>happened to be a friend of hers.</p> <p>Her son felt satisfied, hearing those dignified and forceful words, while I wondered to myself what the sparrowhawks might say of us, if Buffon had been born a sparrowhawk...</p> <p>My delirium was beginning.</p>
---	---	--

A seguir, foi feita uma relação com as diferenças entre a tradução de Rabassa e Thomson-Deveaux

Quadro 15 – Diferenças nas traduções de Rabassa e de Thomson-DeVeaux

<p>trajada de preto ficar sem ânimo de entrar detida jazia durante esse tempo esquecido fazer gesto. Havia já dois anos que nos não víamos os dias juvenis. menos mau recordar há nela uma gota da baba de Caim. Corrido o tempo gozar deveras porque entre uma e outra dessas duas ilusões, se goza</p>	<p>dressed in black remain without the courage to come in held back I was lying all that time neglecting make gesture. We hadn't seen each other for two years our youth. least evil. remembering there's a drop of Cain's drivel in it. With the passing of time then really because between these two illusions that's enjoyed.</p>	<p>all in black pause without the heart to enter stayed I lay span of time forgetting made sign It had been two years since we had seen each other our youthful days. lesser evil; remembrance there's a bitter drop of Cain's drool in it. Once time has worn on then, only then, my one truly take pleasure in what has passed; when given a choice between two illusions, may be enjoyed</p>
--	---	---

<p>evocação; exponha alcova firme, câmbio, interessante</p>	<p>evocation explain room a firm step exchange rates interest</p>	<p>vision expound bedroom steadfast, rates of exchange enthraling</p>
---	---	---

<p>olhar sem freio saciados velhice, magra numa festa de São João intercalar-se</p>	<p>looking great glutted age thin thin Saint John's festival mingle</p>	<p>gazed unbridled sated old age slender celebration for the feast of St. John; was beginning yield</p>
--	--	---

<p>muxoxo. apertar Ando a ver se ponho os vadios para a rua. simples sem perigo. longas notícias de fora graça um certo travo de má língua que era o sal da palestra prestes deixar satânico mofar</p>	<p>pout. then squeezing I'm making the rounds to see if I can get lazy loafers back out onto the street. male nurse. without any danger. lots of news from the world outside, humor with a certain touch of a wicked tongue, which was the salt of her talk. ready leave satanic making fun</p>	<p>tut. fiving my hands a squeeze: "I", putting slugabeds out on the street." sick nurse without danger. drawn-out report of the latest goings-on charmingly seasoning them with a tart dash of gossip verge leaving devilish jeering</p>
--	--	--

<p>fizera recuar se fiie dominou expeliu. davam lent Quem diria?</p> <p>não sei se em igual dose</p> <p>tinha resistem muito começavam não tinha não deixava nada</p> <p>dizer</p>	<p>had made the sun turn back No one should trust took over expelled. gave would visit What was there to say? I don't know whether in equal doses</p> <p>had a great deal of resistance were beginning it didn't have wasn't leaving anything worthwhile say</p>	<p>had turned back the sun let none place their faith asserted cast out lent visited Whoever would have thought it? whether in equal measure I can't say possessed hold out to the last I had seen were gone I left nothing behind</p> <p>said</p>
--	--	--

<p>— Que idéias essas!</p> <p>zangada Olhe que não volto mais.</p> <p>Todos nós havemos de morrer; basta estarmos vivos.</p> <p>Jesus! horas. Vou-me embora virei faz bem doente tem Sua mana Há de vir não pode ser</p>	<p>"What kind of ideas are those?" Virgilia interrupted me, a little annoyed. "Look, I'm not going to come back. Dying! We all have to die. It's enough just being alive</p> <p>Good heavens o'clock I've got to go I'll come back doing the proper thing patient has What about your sister She's going to come can't get</p>	<p>"What ideas you've got in your head!" Virgília interrupted, rather put out. "I won't come back at this rate. Die! All of us must die; that's what comes of being alive</p> <p>Goodness I must go Yes, I'll come not be wise invalid there are no What about your sister She'll come not</p>
--	--	--

<p>refletiu levantou os ombros Estou velha</p>	<p>thought straightened up I'm an old woman</p>	<p>reflected shrugged I've grown old</p>
--	---	--

repara dúvidas. fora cúmplice inconsciente ao vê-los acanhamento permitiu afáveis adivinhou	pays any attention doubts had been unwitting; accomplice when I saw them reticence prevented affable sensed:	notice suspicion had been unconscious accomplice a that upon seeing bashfulness kept kind guessed
---	--	---

*

manhoso crer acabou galhofa. serena aspecto suspeito denunciar igualdade dominação raras	trickster think ended up joke. serene look suspect given away balance control strange.	sly believe ended in fun. calm air suspicious betray equanimity mastery unusual
--	--	---

*

meio secretos, meio divulgados, desdém de que se tratava aliás digna e forte perguntava gaviões Era o meu delírio que começava.	half-secret, half-known disdainful about the woman involved besides. strong and fitting asked hawks It was the start of my delirium.	secret and public disdain in question happened dignified and forceful wondered sparrowhawks My delirium was beginning.
--	---	---

5.4 Discussão Geral da Análise

A análise mostra a existência de 106 diferenças entre as duas traduções. No geral, a tradução de Rabassa está mais próxima do original de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, realizada em 1997, do que a de Thompson-DeVeaux, em 2020. É o

que acontece nos exemplos a seguir:

evocação; firme, interessante perguntava sem freio prestes satânico expeliu davam zangada	evocation a firm step interest asked great ready satanic expelled gave annoyed	vision steadfast, enthralling wondered unbridled verge devillish cast out lent put out
--	---	---

Esse fato mostra a mudança de significado do conceito de tradução. Não há hoje a exigência de outrora da tradução “livre de interferências temporais e geográficas e, acima de tudo, livre de ter seus significados alterados pela interpretação dos leitores” (BOUHOURS apud ARROJO, 1993, p.18).

Tem razão Bassnett (2003) quando afirma que a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua a outra, mas é hoje corretamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas.

Além disso, há certos impedimentos decorrentes de fatores como o determinismo linguístico ou a tipologia linguística que impossibilitam a tradução “fiel”, e que aliados à maneira pessoal de ver o mundo, fazem resultar traduções mais distantes do significado da versão original, mas que podem ser mais do agrado do falante da língua da tradução.

Um ponto que fica faltando é a consulta a falantes de inglês – embora isso também dependa de fatores contextuais que envolve cada falante – para qual das traduções seria mais bem aceito por esses leitores, lembrando o fato de que americanos não apreciam obras traduzidas, e mais: talvez nunca exista uma obra-prima de obra traduzida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto de uma busca incansável a respeito da figura do tradutor, e da sua tradução, no sentido de que o tradutor não se apaga ao traduzir uma obra, pois não está livre das imposições socioculturais da comunidade da qual faz parte; da diferença de recorte de mundo entre as culturas.

Assim sendo, a fim de tentar solucionar os meus questionamentos, amparei-me no objetivo desta tese de doutorado que é a comparação de duas versões de tradução em língua inglesa do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (*The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*), de Machado de Assis, efetivadas respectivamente por Gregory Rabassa (1997) e Flora Thomson-DeVeaux (2020), busquei e consegui responder as duas perguntas de pesquisa (a) como são articulados os significados ideacionais, interpessoais e textuais nas duas versões traduzidas de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para a língua inglesa? (b) quais são as consequências dessas modificações para o significado macrotextual das versões e caracterização do estilo dos tradutores?

Retomando as perguntas de pesquisa, pode-se responder o que foi mostrado na análise, ou seja: a existência de 69 diferenças no Capítulo 1 e de 106 diferenças no Capítulo 6 entre o original e as duas traduções. Além disso, a pesquisa mostrou que o significado textual praticamente não sofreu alterações em ambas as traduções; já os termos que expressam o significado ideacional mostraram que a tradução de Rabassa se aproxima mais do original do que a de DeVeaux, com evidentes reflexos no significado interpessoal, no sentido de, talvez, a segunda assemelhar-se mais com o fluir linguístico da língua inglesa. Em termos gerais, a tradução de Rabassa (1997) é mais próxima ao original de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* do que a de Thompson-DeVeaux (2020).

Esse fato mostra a mudança de significado do conceito de tradução. Não há hoje a exigência de outrora da tradução “livre de interferências temporais e geográficas e, acima de tudo, livre de ter seus significados alterados pela interpretação dos leitores” (BOUHOURS apud ARROJO, 1993, p.18).

Tem razão Bassnett (2003) quando afirma que a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua a outra, mas é hoje corretamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas.

Diante do caminho percorrido, creio que este trabalho contribuirá para questão

tradutória uma vez que ao longo deste percurso de estudo por meio da LSF consegui descobrir pontos até então desconhecidos. São eles: a figura do tradutor não é de uma pessoa subserviente, mas sim de um profissional visivelmente ativo, entendido como um sujeito inserido em um contexto cultural, ideológico, político e psicológico e diante disso, pode-se afirmar que é muito difícil ao tradutor, juntamente com suas escolhas, ficar ausentes ao traduzir uma obra, principalmente uma obra literária como a de Memórias Póstumas de Brás Cubas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, B. D. R.; RIBEIRO, D.; BARBOSA, M. F. Memórias Póstumas de Brás Cubas e a representação crítica do processo de modernização tecnológica brasileira. *Revista Arredia*, 5.8, 2016, p. 53-64.

ARROJO, R. *Oficina de tradução. A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Tradução. In: JOBIM, J. L. (org.) *Palavras da Crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. (Org.) *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 2003.

ASSIS, J. M. M. Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: ASSIS, M. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

_____. *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. Nova York: Oxford University Press, 1997. Tradução de Gregory Rabassa.

_____. *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. Nova York: Penguin, 2020. Tradução de: Flora Thomson-DeVeaux.

BAKER, M. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, 12.2, 2000, p. 241-266.

BASSNETT, S. *Estudos de Tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BEZERRA, L. A. A tradução de Menino de engenho: as marcas linguístico-culturais sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional e da Teoria de Tradução. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo, 2010.

BOHUNOVSKY, R. A (im)possibilidade da "invisibilidade" do tradutor e da sua "fidelidade": por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução. *Cadernos de Tradução*, 2.8, 2001, p. 51-62.

BOSI, A. Brás Cubas em três versões. *Literatura Brasileira*, 6.7, 2006, p. 279-317.

BRANDINO, L. Alúcio Azevedo, *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/aluisio-azevedo.htm>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2007.

CASTRO, P. C.; BRAGA, V. L. F.. Memórias póstumas de Brás Cubas: moda, cultura e história. *Estação Científica*, nº 16, 2016, p. 45-90.

CATAFORD, J. C. *A linguistic theory of Translation*. Londres: Oxford University Press, 1965.

CHAFE, W. *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. Londres: Bloombury Academy, 1994.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse*. Textual analysis for social research. Londres: Routledge, 2003.

FIGUEREDO, G. P. Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos linguísticos da tradução. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Belo Horizonte, 2006.

FILLMORE, C. J.; ATKINS, B. T. Towards a frame-based lexicon: the case of RISK. In: LEHRER, A.; KITTAY, E. (org.) *Frames, Fields, and Contrasts*. Londres: Erlbaum, 1992.

_____. The Pragmatics of Cosntructions. In: SLOBIN, D. I.; ERVIN-TRIPP, S. M. et al. (org.) *Social Interaction, Social Context, and Language: Essays in honor of Susan Ervin-Tripp*. Londres: Psychology Press, 1996.

FIRBS, J. *Some aspects of the Czechoslovak approach to problems of Functional Sentence Perspective*. Mimeografado, 1974.

FIRTH, J. R. The technique of Semantics. *Transactions of the Philological Society*, 34.1, 1935, p. 36-73.

FISH, S. *Is there a text in this class? The authority of interpretive communities*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

FOWLER, R. *Language in the news*. Nova York: Routledge, 1991.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

GLEASON Jr., H. A. *Linguistics and English grammar*. Nova York: Hatford Seminary Foundation, 1965.

GREENBERG, J. H. (org.) *Universal of Language*. Cambridge: M. I. T. Press, 1963.

_____. *Language Universal, with special reference to Feature Hierarchies*. Haia: Mouton, 1966.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. et al. *As ciências linguísticas e o Ensino de línguas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

_____.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to Functional Grammar*. Londres: Arnolds, 2004.

HAROCHE, C. *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo: HUCITEC, 1992.

HENRY, P. *A ferramenta imperfeita. Língua, sujeito e discurso*. Campinas: Unicamp, 1992.

HOUSE, J. How do we know when a translation is food? In: STEINER, E; YALLOP, C. (org.) *Exploring translations and multilingual text production: beyond content*. Nova York: Mounton de Gruyter, 2001.

HUANG. G. W. Functional Linguistic inspiration for translation studies. *Foreign Languages and Their Teaching*, n. 5, 2002, p. 263-287.

_____. A Functional Linguistic Approach to translation studies. *Chinese Translators Journal*, n. 5, 2004, p. 225-241.

_____. *Linguistic explorations in translation studies*. Shangai: Shanghai Foreign Language Education Press, 2006.

JESUS, S. M. Relações de tradução: SAY e DIZER em corpora de textos ficcionais. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Belo Horizonte, 2008.

LANDERS, C.E. *Literary Translation: A Practical Guide*. Nova Jersey: New Hersey City University, 2001.

LEMKE, J. L. *Talking Science: Language, Learning, and Values*. Nova York: Ablex Publishing, 1990.

_____. Resources for Attitudinal Meaning: Evaluative orientation in text semantics. *Functions of Language*, 5.1, 1998, P. 33-56.

LI, F. G. *Interpersonal meaning and equivalence in translation: A Functional Linguistic Analysis of "Shu Dao Nan" and its English versions*. Nanchang: Jiangxi People's Publishing Press, 2007.

MALINOWSKI, B. The problem of meaning in primitive languages. In. OGDEN, C. J.; RICHARDS, I. A. *The meaning of meaning*. Londres: Kegan Paul, 1923.

MANDELBAUM, D. G. *The teaching of Anthropology*. Berkeley: University of California Press, 1958.

MARINHO, Fernando. Memórias póstumas de Brás Cubas, *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/memorias-postumas-bras-cubas.htm>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

MARTIN, J. R. *The English Text – System and Structure*. Amsterdã: John Benjamins Press, 2000.

_____.; WHITE, P. R. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Londres: Mamila, 2005.

MARZULLO, B. A modalidade falada do inglês e a tradução em português: um enfoque da gramática sistêmico-funcional. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo, 2015.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. The environments of translation. In: STEINER, E; YALLOP, C. (org.) *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Nova York: Mounton de Gruyter, 2001.

MING, L. Systemic Functional Linguistic approach to translation studies. *US-China Foreign Language*, 5.8, 2007, p. 74-85.

MORINAKA, E. M. "Gabriela, cravo e canela" and its (re)textualizatoin in English: representation through lexical relations. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Letras/Inglês e Literatura

correspondente, Florianópolis, 2005.

MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. Londres: Routledge, 2008.

NUNES, B. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 2003.

OTTONI, P. R. Compreensão e interpretação no ato de traduzir: reflexões sobre o enunciado e a significação. *Lusorama für Zeitschrift*, n. 32, 1997, p.19-27.

RUBEL, P. G.; ROSMAN, A. (org.) *Translating Cultures: Perspectives on Translation and Anthropology*. Oxford: Berg, 2003.

PENA, V. H. M. O fim do romance em Memórias Póstumas de Brás Cubas. *Cadernos Benjaminianos*, n. 11, 2017, p. 123-176.

SAPIR, E.; MANDELBAUM, D. G. *Edward Sapir: culture, language and personality*. California: University of California Press, 1958.

SCHWARZ, R. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVEIRA, G. C. De *A Streetcar Named Desire* a Um bonde chamado Desejo: uma análise sob o enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo, 2018.

SLOBIN, D. I. *Psicolinguística*. São Paulo: Companhia Editora Nacional e EDUSP, 1980.

STEINER, E.; YALLOP, C. (org.) *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Nova York: Mouton de Gruyter, 2001.

TALMY, L. Lexicalization patterns: Semantic Structure in lexical forma. In: SHOPEN, I. *Language Typology and Syntactic Description*. Londres: Cambridge University Press, 1985.

_____. Path to realization: a typology of event conflation. In: *Proceeding of the Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1991, p. 480-519.

_____. *Toward a Cognitive Semantics: Concept structuring systems*. Londres: The MIT Press, 2000.

THOMPSON, G. Resonance in text. In: SÁNCHEZ-MACARRO, A.; CARTER, R. (org.) *Linguistic choice across genres: variation in spoken and written English*. Londres: John

Benjamins, 1996.

TRIGO, L. *O viajante imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TYMOCZKO, M. *Enlarging Translation, Empowering Translators*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2007.

VASCONCELLOS, M. L. Restextualizind “Dubliners”: a systemic functional approach to translation quality assessment. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Florianópolis, 1997.

VENTOLA, E. *The Structure of Social Interaction: a systemic approach to the semiotics of service encounters*. Londres: Frances Pinter, 1987.

VENUTI, L. *The Translator's Invisibility: A history of translation*. London: Routledge, 1995.

WEIL, H. *Da ordem das palavras*. Campinas: Unicamp, 2015.

WHORF, B. L. *Language, thought and culture: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. New York, NY: Wiley, 1956.

YALLOP, C. The construction of equivalence. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (org.) *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Nova York: Mouton de Gruyter, 2001.

ZHANG, Y.; HUANG, G. A text linguistic approach to translation studies. *Chinese Translator Journal*, v. 2, 2003, p. 145-153.

ANEXO A – VERSÃO ORIGINAL (1994)

CAPÍTULO PRIMEIRO / ÓBITO DO AUTOR

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira de minha cova:

— “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à Natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.”

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o undiscovered country de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, a filha, — um lírio do vale, — e... Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

— “Morto! morto!” dizia consigo.

E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o vôo desde o liso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, — a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranqüilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correio. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra e lodo, e coisa nenhuma.

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma idéia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

*

CAPÍTULO VI / CHIMÈNE, QUI L'EÛT DIT? RODRIGUE, QUI L'EÛT CRU?

Vejo-a assomar à porta da alcova, pálida, comovida, trajada de preto, e ali ficar durante um minuto, sem ânimo de entrar, ou detida pela presença de um homem que estava comigo. Da cama, onde jazia, contemplei-a durante esse tempo, esquecido de lhe dizer nada ou de fazer nenhum gesto. Havia já dois anos que nos não víamos, e eu via-a agora não qual era, mas qual fora, quais fôramos ambos, porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis. Recuou o sol, sacudi todas as misérias, e este punhado de pó, que a morte ia espalhar na eternidade do nada, pôde mais do que o tempo, que é o ministro da morte. Nenhuma água de Juventa igualaria ali a simples saudade.

Creiam-me, o menos mau é recordar; ninguém se fie da felicidade presente; há nela uma gota da baba de Caim. Corrido o tempo e cessado o espasmo, então sim, então talvez se pode gozar deveras, porque entre uma e outra dessas duas ilusões, melhor é a que se gosta sem doer.

Não durou muito a evocação; a realidade dominou logo; o presente expeliu o passado. Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro, a minha teoria das edições humanas. O que por agora importa saber é que Virgília — chamava-se Virgília — entrou na alcova, firme, com a gravidade que lhe davam as roupas e os anos, e veio até o meu leito. O estranho levantou-se e saiu. Era um sujeito, que me visitava todos os dias para falar do câmbio, da colonização e da necessidade de desenvolver a viação férrea; nada mais interessante para um moribundo. Saiu; Virgília deixou-se estar de pé; durante algum tempo ficamos a olhar um para o outro, sem articular palavra. Quem

diria? De dois grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dois corações murchos, devastados pela vida e saciados dela, não sei se em igual dose, mas enfim saciados. Virgília tinha agora a beleza da velhice, um ar austero e maternal; estava menos magra do que quando a vi, pela última vez, numa festa de São João, na Tijuca; e porque era das que resistem muito, só agora começavam os cabelos escuros a intercalar-se com alguns fios de prata.

— Anda visitando os defuntos? disse-lhe eu. — Ora, defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: — Ando a ver se ponho os vadios para a rua.

Não tinha a carícia lacrimosa de outro tempo; mas a voz era amiga e doce. Sentou-se. Eu estava só, em casa, com um simples enfermeiro; podíamos falar um ao outro, sem perigo. Virgília deu-me longas notícias de fora, narrando-as com graça, com um certo travo de má língua, que era o sal da palestra; eu, prestes a deixar o mundo, sentia um prazer satânico em mofar dele, em persuadir-me que não deixava nada.

— Que idéias essas! interrompeu-me Virgília um tanto zangada. Olhe que não volto mais. Morrer! Todos nós havemos de morrer; basta estarmos vivos.

E vendo o relógio:

— Jesus! são três horas. Vou-me embora.

— Já?

— Já; virei amanhã ou depois.

— Não sei se faz bem, retorqui; o doente é um solteirão e a casa não tem senhoras...

— Sua mana?

— Há de vir cá passar uns dias, mas não pode ser antes de sábado.

Virgília refletiu um instante, levantou os ombros e disse com gravidade:

— Estou velha! Ninguém mais repara em mim. Mas, para cortar dúvidas, virei com o Nhonhô.

Nhonhô era um bacharel, único filho de seu casamento, que, na idade de cinco anos, fora cúmplice inconsciente de nossos amores. Vieram juntos, dois dias depois, e confesso que, ao vê-los ali, na minha alcova, fui tomado de um acanhamento que nem me permitiu corresponder logo às palavras afáveis do rapaz. Virgília adivinhou-me e disse ao filho:

— Nhonhô, não repares nesse grande manhoso que aí está; não quer falar para fazer crer que está à morte.

Sorriu o filho, eu creio que também sorri, e tudo acabou em pura galhofa. Virgília estava serena e risonha, tinha o aspecto das vidas imaculadas. Nenhum olhar suspeito, nenhum gesto que pudesse denunciar nada; uma igualdade de palavra e de espírito, uma dominação sobre si mesma, que pareciam e talvez fossem raras. Como tocássemos, casualmente, nuns amores ilegítimos, meio secretos, meio divulgados, vi-a falar com desdém e um pouco de indignação da mulher de que se tratava, aliás sua amiga. O filho sentia-se satisfeito, ouvindo aquela palavra digna e forte, e eu perguntava a mim mesmo o que diriam de nós os gaviões, se Buffon tivesse nascido gavião...

Era o meu delírio que começava.

ANEXO B – TRADUÇÃO DE 1997 – RABASSA

I The Author's Demise

For some time I debated over whether I should start these memoirs at the beginning or at the end, that is, whether I should put my birth or my death in first place. Since common usage would call for beginning with birth, two considerations led me to adopt a different method: the first is that I am not exactly a writer who is dead but a dead man who is a writer, for whom the grave was a second cradle; the second is that the writing would be more distinctive and novel in that way. Moses, who also wrote about his death, didn't place it at the opening but at the close: a radical difference between this book and the Pentateuch.

With that said, I expired at two o'clock on a Friday afternoon in the month of August, 1869, at my beautiful suburban place in Catumbi. I was sixty-four intense and prosperous years old, I was a bachelor, I had wealth of around three hundred cantos, and I was accompanied to the cemetery by eleven friends. Eleven friends! The fact is, there hadn't been any cards or announcements. On top of that it was raining—drizzling—a thin, sad, constant rain, so constant and so sad that it led one of those last-minute faithful friends to insert this ingenious idea into the speech he was making at the edge of my grave: "You who knew him, gentlemen, can say with me that nature appears to be weeping over the irreparable loss of one of the finest characters humanity has been honored with. This somber air, these drops from heaven, those dark clouds that cover the blue like funeral crepe, all of it is the cruel and terrible grief that gnaws at nature and at my deepest insides; all that is sublime praise for our illustrious deceased."

Good and faithful friend! No, I don't regret the twenty bonds I left you. And that was how I reached the closure of my days. That was how I set out for Hamlet's undiscovered country without the anxieties or doubts of the young prince, but, rather, slow and lumbering, like some-one leaving the spectacle late. Late and bored. Some nine or ten people had seen me leave, among them three ladies: my sister Sabina, married to Cotrim—their daughter, a lily of the valley,—and ... Be patient! In just a little while I'll tell you who the third lady was. Be content with knowing that the unnamed one, even though not a relative, suffered more than the relatives did. It's true. She suffered more. I'm not saying that she wailed, I'm not saying that she rolled on the ground in convulsions, or that my passing was a highly dramatic thing ... An old bache-lor who expires at the age of sixty-four doesn't seem to gather up all the elements of a tragedy in himself. And even if that were the case, what least suited that unnamed lady was to show

such feelings. Standing by the head of the bed, her eyes cloudy, her mouth half open, the sad lady had a hard time believing my extinction.

"Dead! Dead!" she kept saying to herself.

And her imagination, like the storks that an illustrious traveler watched taking flight from the Iliad on their way to African shores without the hindrance of ruins and times—that lady's imagination also flew over the present rubble to the shores of a youthful Africa ... Let it go. We'll get there later on. We'll go there when I get my early years back. Now I want to die peacefully, methodically, listening to the ladies sobbing, the men talking softly, the rain drumming on the caladium leaves of my suburban home, and the strident sound of a knife grinder sharpening outside by a harness-maker's door. I swear to you that the orchestra of death was not at all as sad as it might have seemed. From a certain point on it even got to be delightful. Life was thrashing about in my chest with the surging of an ocean wave. My consciousness was evaporating. I was descending into physical and moral immobility and my body was turning into a plant, a stone, mud, nothing at all.

I died of pneumonia, yet if I tell my reader that it wasn't so much the pneumonia that caused my death but a magnificent and useful idea he might not believe me and, nevertheless, it's the truth. Let me explain briefly. You can judge for yourself.

*

VI Cbimene,, Qui L'eut Dit? Rodrigue, Qui L'eut Cru?

I see her appear in the door of my bedroom—pale, upset, dressed in black—and remain there for a minute without the courage to come in, or held back by the presence of the man who was with me. From the bed where I was lying I contemplated her all that time, neglecting to say anything to her or make any gesture. We hadn't seen each other for two years and I saw her now not as she was but as she had been, as we both had been, because some mysterious Hezekiah had made the sun turn back to the days of our youth. The sun turned back, I shook off all my miseries, and this handful of dust that death was about to scatter into the eternity of nothingness was stronger than time, who is the minister of death. No water from Luventus could match simple nostalgia in that. Believe me, remembering is the least evil. No one should trust pre-sent happiness, there's a drop of Cain's drivel in it. With the passing of time and the end of rapture, then, yes, then perhaps it's possible really to enjoy, because between these two illusions the better one is the one that's enjoyed without pain.

The evocation didn't last long. Reality took over immediately. The present expelled the past. Perhaps I'll explain to the reader in some corner of this book my theory of human editions. What matters now is that Virgilia—her name was Virgilia—entered the room with a firm step, with the gravity that her clothes and the years gave her, and came over to my bed. The outsider got up and left. He was a fellow who would visit me every day and talk about exchange rates, colonization, and the need for developing railroads, nothing of greater interest to a dying man. He left. Virgilia stood there. For some time we remained looking at each other without uttering a word. What was there to say? Of two great lovers, two great passions, there was nothing left twenty years later. There were only two withered hearts devastated by life and glutted with it; I don't know whether in equal doses, but glutted nonetheless. Virgilia now had the beauty of age, an austere, maternal look. She was less thin than when I saw her the last time at a Saint John's festival in Tijuca and, as she was someone who had a great deal of resistance, only now were a few silver threads beginning to mingle with her dark hair.

"Are you making the rounds visiting dying men?" I asked her. "Come now, dying men!" Virgilia answered with a pout. And then, after squeezing my hands, "I'm making the rounds to see if I can get lazy loafers back out onto the street."

It didn't have the teary caress of other times, but her voice was friendly and sweet. She sat down. I was alone in the house except for a male nurse. We could talk to each other without any danger. Virgilia gave me lots of news from the world outside, narrating it with humor, with a certain touch of a wicked tongue, which was the salt of her talk. I, ready to leave the world, felt a satanic pleasure in making fun of it all, in persuading myself that I wasn't leaving anything worthwhile.

"What kind of ideas are those?" Virgilia interrupted me, a little annoyed. "Look, I'm not going to come back. Dying! We all have to die. It's enough just being alive."

And looking at the clock:

"Good heavens! It's three o'clock. I've got to go."

"So soon?"

"Yes. I'll come back tomorrow or sometime later."

"I don't know if you're doing the proper thing," I replied. "The patient is an old bachelor and the house has no women in it..."

"What about your sister?"

"She's going to come and spend a few days here, but she can't get here until Saturday."

Virgilia thought for a moment, straightened up, and said gravely:

"I'm an old woman! Nobody pays any attention to me anymore. But just to put an end to any doubts I'll come with Nhonho."

Nhonho was a lawyer, the only child from her marriage, who at the age of five had been the unwitting accomplice in our love affair. They came together two days later and I must confess that when I saw them there in my bedroom I was taken by a reticence that prevented me from replying immediately to the lady's affable words, Virgilia sensed this and told her son:

"Nhonho, don't pay any attention to that big trickster there. He doesn't want to talk so he can make you think that he's at death's door." Her son smiled. I think I smiled, too, and everything ended up as a big joke. Virgilia was serene and smiling. She had the look of immaculate life. No suspect look, no gesture that might have given anything away, a balance in word and spirit, control over herself, all of which seemed—and perhaps was—strange. As by chance we touched upon an illicit love affair, half-secret, half-known, I saw her speak a disdainful word and a bit indignantly about the woman involved, a friend of hers besides. Her son felt satisfied when he heard that strong and fitting word and I asked myself what the hawks might have said about us humans if Buffon had been born a hawk... It was the start of my delirium.

ANEXO C – TRADUÇÃO 2020 – THOMSON-DEVAUX

CHAPTER I THE DEMISE OF THE AUTHOR

I debated for a time as to whether I ought to open these memoirs at the beginning or at the end – that is, if I would start out with my birth or with my death. Granting that the common practice may be to begin with one's birth, two considerations led me to adopt a different method: the first is that I am not exactly an author recently deceased, but a deceased man recently an author, for whom the tomb was another cradle; the second is that this would make the writing wittier and more novel. Moses, who also recounted his own death, did not put it at the commencement but at the finish: a radical difference between this book and the Pentateuch.

That being said, I expired at two o'clock in the afternoon on a Friday in the month of August, 1869, at my handsome country home in Catumbi. I had seen some sixty-four robust and prosperous years, I was a bachelor, I had around three hundred thousand milréis to my name, and I was accompanied to the cemetery by eleven friends. Eleven! True, there had been neither letter nor announcements. What's more, it was raining – drizzling – a fine, doleful, steady patter, so steady and so doleful that it led one of those faithful at the last to insert this inspired idea into the speech that he delivered at the edge of my grave:

You who knew him, gentlemen, you may join me in saying that nature herself seems to be weeping for irreparable loss of one of the finest figures to have ever honored humanity. This gloom, these drops from on high, those dark clouds veiling the blue like a mourning band, all this is the raw, wicked pain tearing nature to the quick; all this is a sublime paean to our illustrious deceased.

Good, faithful friend! No, I don't regret the twenty bonds I left him. And it was thus that I came to the close of my days; it was thus that I set off for Hamlet's undiscovered country, without the young prince's anguish or doubts, but slowly and falteringly, like one leaving the stage for too late. Late and weary. Some nine or ten people saw me go, among them three ladies: my sister Sabina, married to Cotrim; her daughter, a fair lily of the valley; and... – A little patience, please! I'll soon tell you who the third lady was. Content yourselves for the moment with the knowledge that this anonymous woman, though no relation of mine, suffered more than those who were. It's true, she suffered more. I won't say that she tore her hair with grief or that she rolled across the floor in convulsions. Nor, for that matter, was there anything terribly dramatic about my death... A bachelor breathing his last at age sixty-four is hardly the classic tragedy. And even if it were, the least appropriate thing for this anonymous woman to do would have been reveal her sentiments. Standing beside my bed, her eyes glassy, mouth half-open, this pitiful lady could barely credit my extinction.

"Dead! dead!" she repeated to herself.

And her imagination, like the storks that an illustrious traveler once saw take flight from the Ilissos, bound for the shores of Africa, heedless of the ruins and the ages – the lady's imagination also soared over the wreckage of the present to the shores of a youthful Africa... Let her go; we shall go later; we shall go when I restored myself to those early years. For now I want to die peacefully, methodically, hearing the sobbing of the ladies, the low murmuring of the men, the rain drumming on the caladium leaves in the garden, and the piercing sound of a razor being sharpened by a knife grinder, out by the door to a currier's shop. I swear to you all that his orchestra of death was much less sorrowful than it might seem. After a point, it became positively delightful. Life floundered in my chest like the surging of an ocean swell, my consciousness melted away, I was drifting down into physical and moral immobility, my body becoming a plant, a stone, loam, nothing at all.

I died of pneumonia; if I should say that it was less pneumonia than a grand and useful idea that caused my death, my reader may not believe me, and yet this is the truth. I will lay out the case for you in brief. Judge or yourself.

*

CHAPTER VI CHIMÈNE, QUI L'ÊÛT DIT? RODRIGUE, QUI L'ÊÛT CRU?

I see appear at my bedroom door, pale, shaken, all in black, and pause there for a minute, without the heart to enter, or stayed there by the presence of a man who was with me. From the bed where I lay, I contemplated her for that span of time, forgetting that I said nothing, nor made any sign to her. It had been two years since we had seen

each other last, and I saw her now not as she was but as she had been, as we both had been, for some mysterious Hezekiah had turned back the sun to our youthful days. The sun turned black, I school of my miseries, and this handful of dust, which death was ready to scatter to the eternity of nothingness, triumphed over time, which is the minister of death. Here, no Hebe's cup could rival simple nostalgia.

Believe me, remembrance is the lesser evil; let none place their faith in present happiness; there's a bitter drop of Cain's drool in it. Once time has worn on and the rapture has ceased, then, perhaps only then, my one truly take pleasure in what has passed; when given a choice between two illusions, the better is that which may be enjoyed without pain.

The vision didn't last long; reality soon asserted itself; the present cast out the past. Perhaps I'll expound to the reader, in some corner of this book, my theory of human editions. What should be imparted now is that Virgília – her name was Virgília – entered the bedroom, steadfast, with the gravity lent her by her clothes and her years, and came over to my bed. The stranger got up and left. He was a fellow who visited me every day to speak about rates of exchange, colonization, and the need to develop the railways: nothing more enthralling for a dying man. He left; Virgília stood there, for some time we gazed at each other without uttering a word. Whoever would have thought it? Two great lovers, two unbridled passions, and nothing was left twenty years later; only two withered hearts, devastated by life and sated of it, whether in equal measure I can't say, but sated all the same. Virgília now possessed the beauty of old age, an austere and maternal air; she was less slender than when I had seen her last, in Tijuca, at a celebration for the feast of St. John; and because she was one of those who hold out to the last, her dark hair was only just beginning to yield to a few silver strands.

"Visiting dead men, are you?" I said to her.

"Dead men, come now!" replied Virgília with a tut. And then, after fiving my hands a squeeze: "I", putting slugabeds out on the street."

The tearful caresses of yesteryears were gone, but her voice was friendly and sweet. She sat down. I was alone, at home, with only a sick nurse; we could speak to each other without danger. Virgília gave me a drawn-out report of the latest goings-on, narrating them charmingly and seasoning them with a tart dash of gossip; I, on the verge of leaving the world, felt a devilish pleasure in jeering at it, persuading myself that I left nothing behind.

"What ideas you've got in your head!" Virgília interrupted, rather put out. "I won't come back at this rate. Die! All of us must die; that's what comes of being alive."

And, looking at the clock:

"Goodness! It's three. I must go."

"So soon?"

"Yes, I'll come by tomorrow or after."

"That may not be wise," I retorted. "The invalid is a bachelor, and there are no ladies living in the house..."

"What about your sister?"

"She'll come by to spend a few days, but not before Saturday."

Virgília reflected for a moment, shrugged, and said gravely:

"I've grown old! No one takes any notice of me anymore. But to leave no room for suspicion, I'll come with Nhonhõ."

Nhonhõ was a university graduate, the only child of her marriage, who, at the age of five, had been an unconscious accomplice to our love affair. They came together two days later, and I must confess that upon seeing them there in my bedroom, I was taken by a bashfulness that kept me from immediately repaying the young the young man's kind words. Virgília guessed me out and said to her son:

"Nhonhõ, pay no mind to this sly old fox here; he's not talking so he can make you believe he's at death's door."

Her son smiled. I believe I smiled as well, and it all ended in pure fun. Virgília was calm and cheerful, with the air of one who had led an immaculate life. No suspicious gaze, no gesture that might betray a thing; she displayed an equanimity of word and spirit and a mastery of herself that struck me as unusual, and perhaps were. When we touched, innocently enough, on the subject of an illicit love affair that was somewhere between secret and public. I saw her speak with disdain and a bit of indignation of the woman in question, who happened to be a friend of hers. Her son felt satisfied, hearing those dignified and forceful words, while I wondered to myself what the sparrowhawks might say of us, if Buffom had been born a sparrowhawk...

My delirium was beginning.